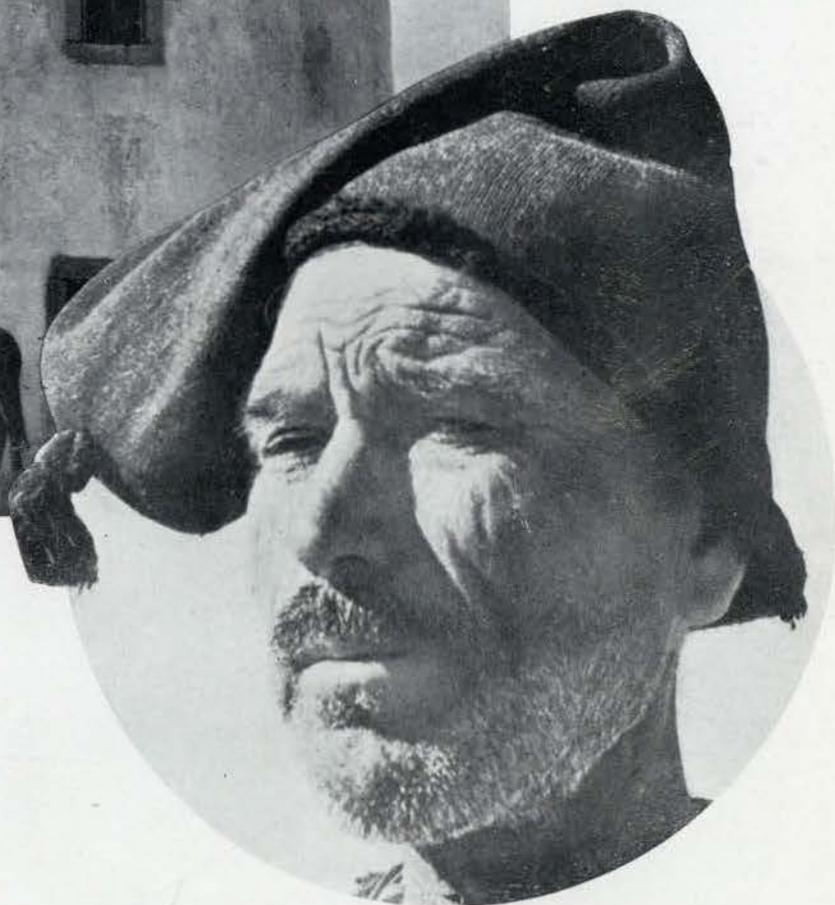
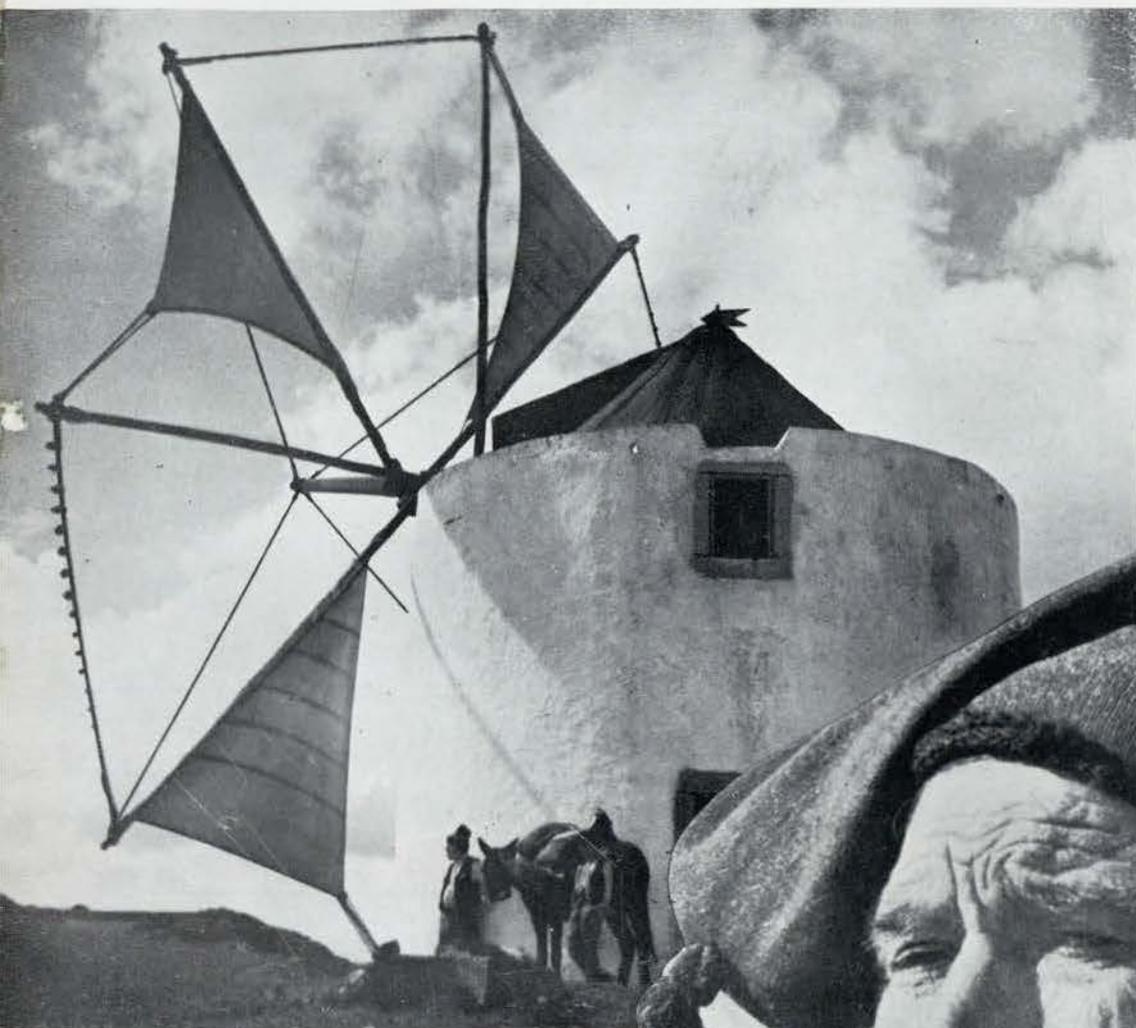
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

PANORAMA

número 11 ★ ano 2.º ★ 1942

EMPRÊSA GERAL DE TRANSPORTES

S. A. R. L.

CONHEÇA A SUA TERRA... MAS NÃO APENAS TEÒRICAMENTE!... CONHEÇA-A, VISITANDO OS SEUS LUGARES MAIS PITORESCOS. — PARA AS SUAS VIAGENS, TRANSPORTE DE BAGAGENS E MERCADORIAS DIRIJA-SE À

E. G. T.

CONCESSIONÁRIA DO SERVIÇO DE CAMIONAGEM E DESPACHOS CENTRAIS DA C. P.

EM LISBOA — RUA DO ARSENAL, 146, 1.º - TELEFONE 2 6391/95

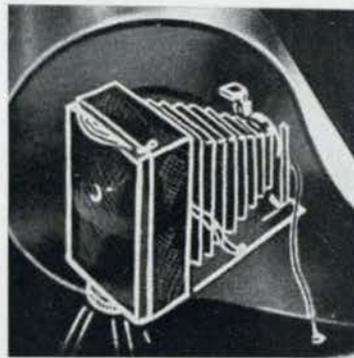
NO PÔRTO — RUA ALEXANDRE BRAGA, 80 - TELEFONE 4776

NESTLÉ
"Nestogéno"
LEITE EM PÓ
NESTLÉ
MEIO GORDO E AÇUCARADO
SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS
"Nestogéno"
LEITE EM PÓ PREPARADO
ESPECIALMENTE PARA
A ALIMENTAÇÃO DAS
CRIANÇAS, TENDO POR
BASE O MELHOR LEITE
FRESCO, ESCRUPULOSA-
MENTE SELECCIONADO

Casino de Espinho

A sociedade "Espinho-Praia" não se tem poupado a esforços para tornar êste Casino um dos mais civilizados da Península, introduzindo-lhe sucessivos melhoramentos — como o novo **BAR,** *à entrada do "hall", que foi inaugurado êste ano. — São constantes as festas que animam o* **SALÃO NOBRE** *e o* **DANCING,** *com o valioso concurso de duas orquestras magníficas e um esplêndido conjunto de artistas de variedades. — Óptimo serviço de restaurante. — Freqüência selecta e numerosa.*

Aqui se aconselha...

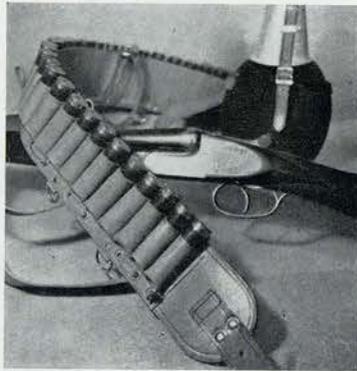
É bastante desagradável o efeito que produz uma pele de poros dilatados. E tanto mais, quando já não se justifica que se tenha a pele nesse estado. — O uso dos acreditados produtos ROSIPÓR, da Academia Científica de Beleza, veio definitivamente dar completa satisfação no tratamento da dilatação dos poros, a ponto de modificar profundamente o mau aspecto da epiderme. Então, não esqueça: *Produtos Rosipór, para fechar os poros da pele.*

JÚLIO WORM, na rua da da Prata, 135 e 137, em Lisboa, é o estabelecimento e laboratório mais antigo de material fotográfico. O atento cuidado que lá dedicam na execução de revelações, cópias, ampliações, etc., prova-o a qualidade dos trabalhos que há muitos anos saiem consecutivamente dos seus laboratórios. JÚLIO WORM, vende na sua casa todos os artigos para fotografia de tôdas as boas marcas mundialmente afamadas.

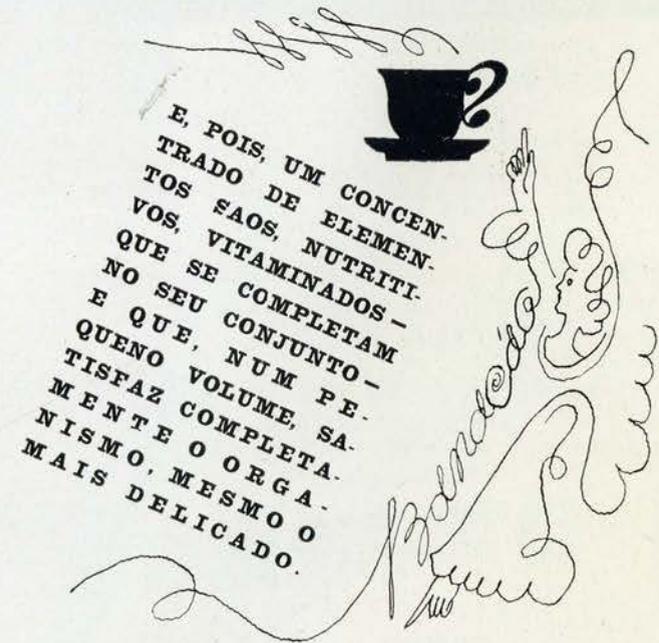
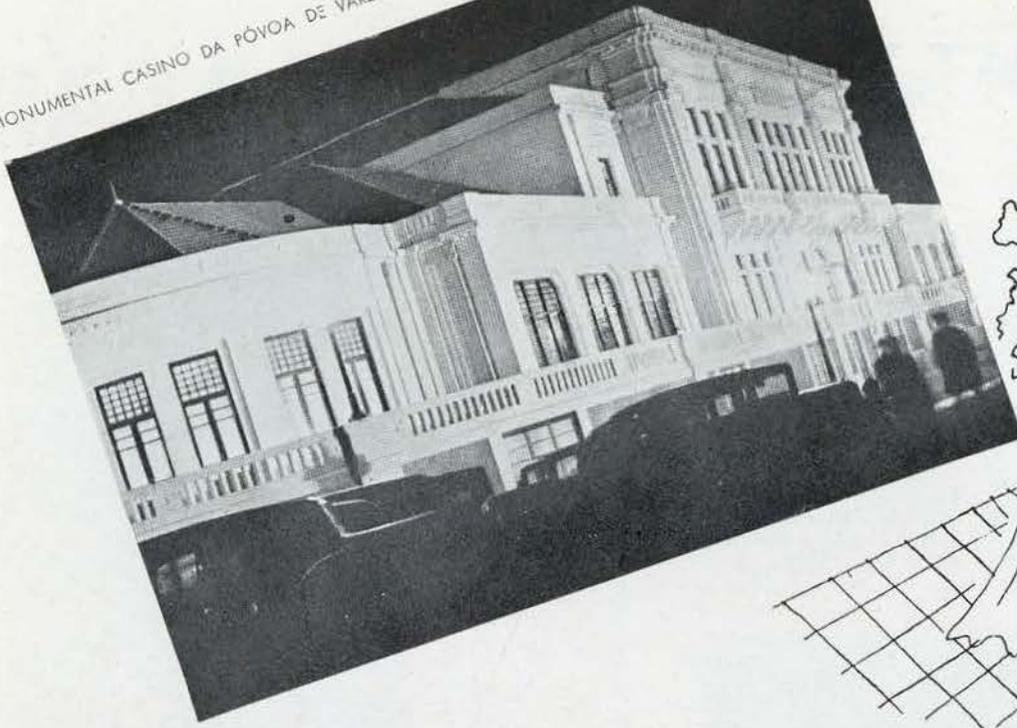
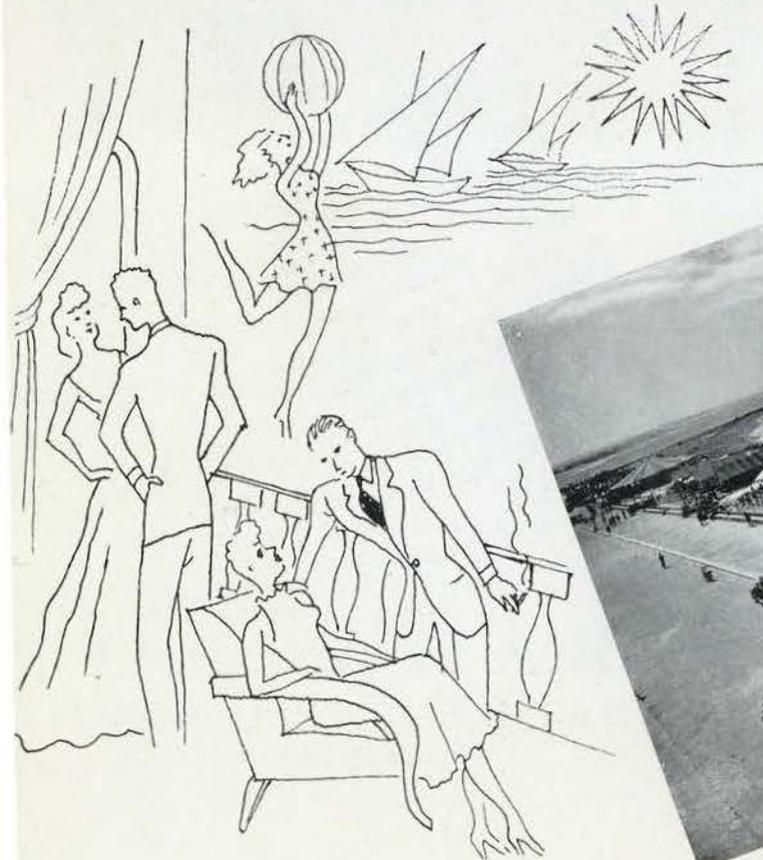
GEVAERT — é a afamada e bastante conhecida marca de películas, preferida por grande número de amadores fotográficos. GARCEZ, LDA., na rua Garrett, 88, em Lisboa, é a casa de material fotográfico que vende GEVAERT e possui bem apetrechados laboratórios, acreditados por 20 anos de serviço, onde se executam com a possível brevidade e o máximo cuidado todos os trabalhos de fotografia — revelagem, cópias, ampliações, etc.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve sem dúvida ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

que leia, veja e compre

O album para fotografias que a gravura mostra é um trabalho efectuado nas oficinas da Papelaria e Livraria Fernandes. Em carneira, com os escudos a côres, é uma confecção primorosa e de valor. As mesmas oficinas executam proficientemente os mais variados trabalhos no género, como encadernações, etc. Vá à PAPELARIA E LIVRARIA FERNANDES, na Praça do Brasil, 13 e na Rua do Ouro, 149, em Lisboa.

O bom caçador dedica sempre cuidadosa atenção ao material que leva consigo, escolhe o que seja de boa qualidade, não vá êle dar-lhe arrelias que quebrem a alegria que dá uma digressão venatória sem aborrecimentos. Por isso o bom caçador compra o material — espingardas, cartuchos, cantis, bôlsas, cinturões, etc. — no A. M. SILVA, rua da Betesga, 67, em Lisboa, a casa que vende de tudo para caça, das melhores qualidades e marcas.

MERECE sempre especial cuidado a escôlha de um brinde a oferecer e mesmo a compra de um objecto de valor para uso próprio. Entre na JOALHARIA DO CARMO, na rua do Carmo, 87-B, em Lisboa, onde encontrará enorme variedade de objectos de prata e ouro, filigranas, jóias de fino gôsto, — um imenso sortido de joalharia que lhe agradará. Esteja certo que na JOALHARIA DO CARMO encontra aquilo que quere comprar.

MONDALCO, LDA., na Rua Nova do Almada, 51, em Lisboa, é um ESTABELECIMENTO FILATÉLICO recentemente inaugurado. Ali vê o filatelista em exposição e para venda enorme variedade de sêlos e um grande número de séries nacionais e estrangeiras, algumas de rara beleza. MONDALCO, LDA., merece uma visita, porque a forma como as séries estão expostas, deixa que o público as aprecie e faculta uma visão rápida das emissões mais recentes.

MONUMENTAL CASINO DA PÓVOA DE VARZIM

NÃO se compreende a designação de "centro de turismo" atribuída a uma estância da beira-mar, sem a existência de um grande Casino moderno, luxuoso, confortável e animado por freqüentes festas e diversões. Estes requisitos — que todos os turistas do nosso tempo exigem — encontram-se no MONUMENTAL CASINO da PÓVOA DE VARZIM, que é, sem dúvida, um dos melhores do país.

PANORÂMICA DA PRAIA DA PÓVOA DE VARZIM

PÔRTO SANTO

ILHA PRIMOGÉNITA DE PORTUGAL

Quando os barcos, que deixam o Continente em demanda do pôrto acolhedor do Funchal, passam ao sul da ilha do Pôrto Santo, com terra à vista, a maior parte dos seus passageiros olha, indiferente, para essa terra orlada pela faixa de ouro da sua praia maravilhosa; passa indiferente e, todavia, tem diante dos seus olhos a primeira página da história gloriosa dos nossos descobrimentos. Essa terra — quási desconhecida! — constitui um monumento vivo dos nossos primeiros empreendimentos marítimos, da nossa audácia inicial de descobridores, e devia ser, portanto, a filha dilecta de Portugal, a primogénita que conta, primeiro do que nenhuma outra, um dos capítulos culminantes e mais belos da história da nossa Pátria.

Pôrto Santo! — Foi assim que baptisaram essa ilha os primeiros navegadores do Império — Gonçalves Zarco

(Continua)

e Tristão Vaz Teixeira — em certo dia do primeiro quartel do século XV, quando a terra os protegeu de violenta tempestade que os acossara em costas africanas.

A terra acolheu-os. E, pela primeira vez, a bandeira gloriosa dos nossos navegantes foi fincada em terra firme.

*

* *

Hoje, decorridos cinco séculos, a ilha continua fascinante, pela sua praia lindíssima — uma das mais privilegiadas que possuímos. Logo em Julho, sob um sol vivo, que não é o do norte nem o dos trópicos, a gente encontra ali, num mesmo sítio, *ao alcance das mãos*, o ouro velho de uma areia fina, uvas maduras e preciosas águas minerais. É por isso que se pode classificar Pôrto Santo de «excelente, aprazível e completa estação sanitária» — sem que se espante ou duvide quem, algum dia, a visitou.

Nessa praia, que se estende, ao sul, quási em linha recta, por mais de dez quilómetros, livre da áspera interposição de rochedos, a água é sempre limpa, de refulgente transparência. O seu fundo não oferece surprezas desagradáveis — muito elevado até grande distância do quebra-mar, o banhista, mesmo que não seja nadador, pode afastar-se algumas dezenas de metros, sem *perder pé*. Assim, êsse fundo, sempre igual, sem depressões, sem ressacas nem correntes, faz de Pôrto Santo a praia ideal das senhoras e das crianças — que, por isso mesmo não precisam de banheiros.

A limitar a praia, em tôda a sua extensão, alongam-se as parreiras, como adormecidas na areia. Seus cachos brancos, de bagos redondos e suculentos, tomam, a pouco e pouco, a côr do ouro envelhecido. A uva forte, rica de vitaminas, é doce e saborosa.

A água mineral, salôbra, leve ao estômago, não receia confrontos, quando tomada na origem. Ela e as uvas têm curado milhares de pessoas que sofriam de doenças intestinais, dispépsias e, até, tuberculose.

*

* *

Contudo, a terra é pobre. A sua gente vive mais do mar do que da terra. O peixe abunda, o trigo falta.

Sujeita a longas estiagens, a lavoura não medra. Tôda a sua produção, em pequena escala, — vinha, trigo, cevada, centeio, milho, lentilhas, favas, abóboras, melões, melancias, batatas, cebolas, alhos e couves, — desenvolve-se, e cresce à fôrça do braço humano. Nos pontos mais altos, aonde os homens não podem levar a água, a terra é nua e sêca. Mas o solo é bom. Por onde passar o mais delgado fio de água, ver-se-á uma fita de erva verde, a patentear a excelência do humor

Nos dias quentes de Agôsto, quando o sol é mais forte e quási inclemente, basta a mais leve sombra de uma pequena árvore para que o ar, debaixo dela, se torne frêsco e nos convide a meditar nas maravilhas da natureza.

É nesse mês tórrido, que Pôrto Santo regista maior movimento de turistas.

Aos domingos, com regresso no dia seguinte — se não no mesmo dia — organizam-se, em barcos, excursões de madeirenses à ilha vizinha, gulosos da praia, da água e das uvas.

A falta de hotéis no Pôrto Santo torna impossível a muita gente a sua permanência ali. Famílias inteiras — quantas vezes as vimos nós? — passam a noite na praia, dormindo sôbre a areia, pela escassez de melhores acomodações.

*

* *

Há poucos anos, já dentro da nova ordem política e administrativa da Nação, a edilidade respectiva começou a atender a algumas das necessidades mais urgentes da ilha que, além de mártir — pelas secas e pelos rigores dos invernos — caía no esquecimento dos governos e no desimporte dos administradores.

A construção de um cais de desembarque constituíu, — para os seus três mil habitantes — justo motivo de grande contentamento e um passo decisivo para a moderna civilização. Compreende-se — antes da realização dêsse melhoramento, tanto o embarque como o desembarque de pessoas e mercadorias eram feitos às costas de homens, onde se encavalitavam os passageiros trazidos desde o barco a remos, que ficava a distância, devido ao fundo alto da baía, até terra sêca, e vice-versa... Hoje, êsse espectáculo triste, vergonhoso, acabou.

Outras obras de aprêço se têm seguido à do cais: abertura de estradas, embelezamento da vila, montagem de uma estação telégrafo-postal, etc.

*

* *

Um dos pontos mais curiosos da ilha deve ser o pico do Castelo, a 441 metros acima do nível do mar, que não é, contudo, o culminante. Para atingirmos o seu cume, somos obrigados a um verdadeiro exercício de alpinistas, subindo por veredas ziguezagueantes — estreitos e autênticos caminhos de cabras.

Em tempos que já lá vão, quando a pirataria cruzava os mares e invadia as terras menos defendidas, era ali, na coroa dêsse pico, que a pequena população do Pôrto Santo se refugiava, aterrada, ante o desenfreamento devastador dos assaltantes. Ainda que os corsários não encontrassem lá abundante ou rica prêsa, con-

tavam com a mais completa impunidade e um campo livre à rapacidade feroz, chegando, em vários assaltos, a destruir os arquivos da Câmara e da Igreja, que incendiaram, bem como algumas casas.

Do alto do pico, trânsidos, os pobres nactivos observavam as cenas bárbaras. Quando os piratas tentavam escalar o escarpado monte, que só teve defeza regular, com peças e ameias, nos princípios do século XVIII, os refugiados tinham apenas êste modo de defeza: despedir calháus pelas vertentes abruptas do pico, os quais rolavam, vertiginosos e fatais, pelas encostas nuas.

Hoje, o pico do Castelo de Pôrto Santo não sugere mais a quem o visita do que uma excelente e evocadora ilustração de novela de amor e de aventura... As suas encostas, desde o sopé, estão revestidas de pinheiros, cuja sombra atrai sempre os visitantes amadores de piqueniques e os dorminhocos gulosos de um sono descuidado. Do alto, a vista estende-se por sôbre um mar azul que se torna mais belo onde morre, longe, no horizonte em círculo.

Para sudoeste, a pouco mais de vinte milhas, desenha-se, em mancha verde-negra, a costa norte da ilha da Madeira, que é, aliada ao Pôrto Santo, a primeira legenda dos feitos marítimos da Raça Portuguesa — legenda que Portugal não pode nem deve esquecer.

JOÃO FRANÇA

O CAFÉ PARA O BOM APRECIADOR
CAFÉ
COLONIAL
AROMÁTICO
AGRADÁVEL
SABOROSO

1933
INTAVA
COMBUSTÍVEIS, LUBRIFICANTES
E ESPECIALIDADES PARA AVIAÇÃO
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INCORPORATED

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 1.º - TEL. 29311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 11 ★ OUTUBRO, 1942 ★ VOLUME 2.º

CAPA DE PAULO FERREIRA — DESENHOS DE ANNE MARIE JAUSS E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS DE ALVÃO, BIVAR SALGADO, D. J. CASTRO, FRANCISCO SANCHES, HORACIO NOVAES, J. BENOLIEL, MANFREDO, MARIO NOVAES, ANTONIO PASSAPORTE, RAUL REIS, ROGER KHAN E JOAQUIM T. PINTO.

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

PREÇO: 5$00

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

por Fernando Santiago

MAJESTOSO nas suas linhas modernas — superfícies lisas, linhas direitas, portas e janelas largas e uma entrada monumental — o edifício onde está instalado o Instituto Nacional de Estatística impõem-se como um dos mais belos documentos da nossa arquitectura contemporânea. A sua construção foi iniciada há uma dezena de anos, mercê do espírito organizador do Sr. Eng. Duarte Pacheco, ilustre ministro das Obras Públicas, sendo o projecto definitivo da autoria do arquitecto Pardal Monteiro, e foi concluída no curto espaço de dois anos. A abertura dos caboucos começou em Fevereiro de 1932, em 23 dêsse mês procedeu-se à cerimónia do lançamento da primeira pedra, e dois anos depois ficaram instalados no novo edifício todos os serviços de estatística, ocupando 56 dependências. E logo se verificou um maior rendimento de trabalho, cuja perfeição tem sido objecto de rasgados louvores de nacionais e estrangeiros, considerando estes o nosso Instituto com um dos mais perfeitos da Europa.

O Palácio da Estatística ocupa uma vasta área na vizinhança do Instituto Superior Técnico, outra obra notável que se deve à iniciativa do Sr. Eng. Duarte Pacheco, e tem a forma de um A, com três grandes pavimentos, sendo o segundo e o terceiro ligados por uma

Ao alto: — *Um aspecto do majestoso e sóbrio edifício.*
Em baixo: — *Uma das salas dos serviços de estatística.*

larga e vistosa galeria envidraçada, que liga as duas alas, uma ao norte e a outra ao sul, fronteiras às avenidas do México e Dr. António José de Almeida. O centro do edifício é embelezado por um grande páteo ajardinado.

Transposta a entrada, de linhas sóbrias e elegantes, encontra-se um átrio com duzentos metros quadrados, onde se vêem quatro grandes colunas de mármore de Pero Pinheiro. No primeiro pavimento, ao norte, encontram-se as espaçosas salas do arquivo, e ao sul vêem-se as casas das máquinas dos serviços de estatística. No segundo pavimento, estão os gabinentes da direcção, da secretaria geral e de várias repartições, formando um ambiente de elegância e de comodidade indispensáveis, onde logo ressalta a ordem e a disciplina que caracterizam êste modelar organismo.

Tôdas as repartições e gabinetes estão mobilados com gôsto moderno, e denota-se à primeira vista como foram respeitados os princípios higiénicos e de comodidade, tão necessários a quem trabalha.

Tôda a vida do país e do seu vasto Império Colonial pode ser, de momento, compulsada no Palácio da Estatística, que é um modêlo de disciplina de trabalho. Ali se encontram expostos os mapas estatísticos de tôdas as nossas actividades, que qualquer pessoa, leiga que seja, entende sem esfôrço. Os ficheiros são completíssimos e dos mais perfeitos que há em organismos dêste género.

As obras de arte não foram esquecidas, como complemento ornamental do grande e majestoso edifício, e

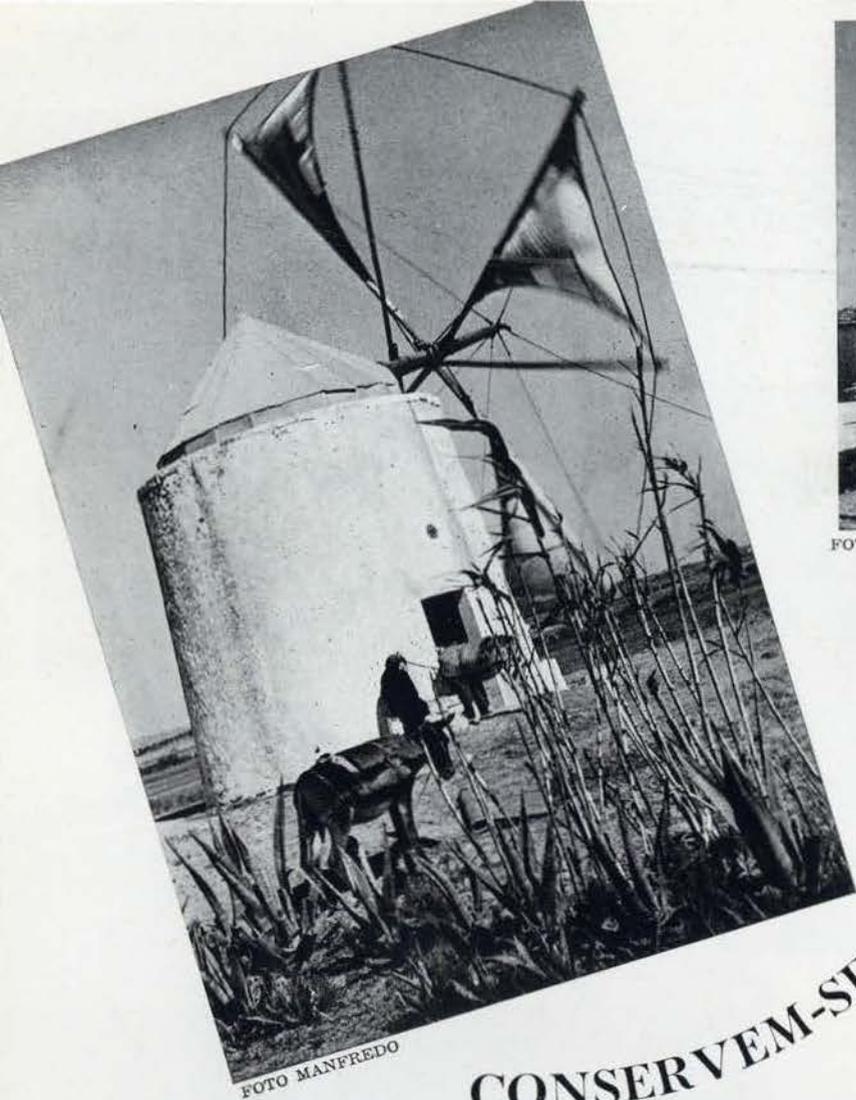
Um dos gabinetes em que melhor se evidencia o justo equilíbrio das proporções arquitectónicas

O trabalho de hoje exige uma arquitectura racional e moderna

devem-se a Abel Manta, que desenhou um grande vitral, executado por Ricardo Leone, simbolizando as fases da vida; Martinho da Fonseca, fez a decoração do salão nobre, onde se encontram estantes carregadas de livros artìsticamente encadernados. Numa outra sala, destinada às reüniões das comissões técnicas, vêem-se belos retratos do Chefe do Estado, Presidente do Conselho, Dr. Armindo Monteiro — que foi director do Instituto Nacional de Estatística — e do prof. António Vilaça, primeiro director dêsse estabelecimento, todos devidos ao pincel de Eduardo Malta.

Desde os vestiários ao salão nobre, tôdas as dependências do Edifício de Estatística revelam, a-par- do bom gôsto que vai da sobriedade das suas linhas ao mobiliário, uma ordem e disciplina que poucas vezes se encontram em grau tão elevado, que só por si distinguem os dirigentes dêste Instituto.

FOTO MANFREDO

FOTO ALVÃO

CONSERVEM-SE OS NOSSOS MOINHOS!

por

Luís Chaves

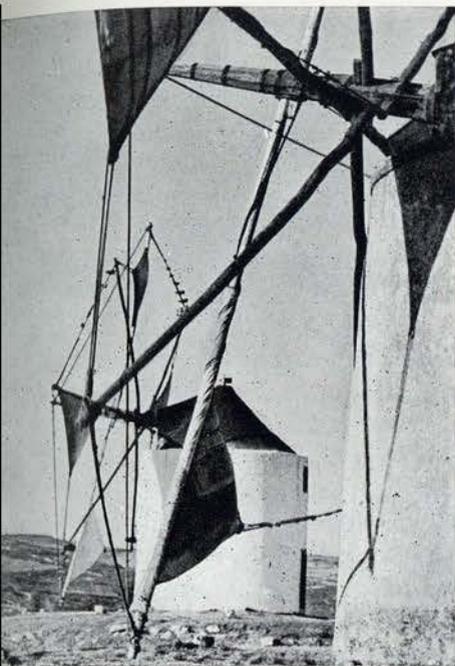
CADA região tem o seu tom maior na paisagem, como cada família tem a sua heráldica. Nem é só a natureza que lho assinala.

Montanha; planície, que dá côres e sombras horizontais, como aquela as põe de pé e levanta da terra ao céu; planalto, de altitudes como sebes em redor de jardim; penedias com castelos e atalaias na sugestão de Percival ou Amadis; verduras de idílios amáveis, onde se prendem ainda lamentações da Diana ou da Aónia; rio a emoldurar povoações de história ou de ternura; mar com perspectivas de infinito, que nos enche de ânsias e de mística...

Não confundimos, por certo, a vertigem da região duriense, até às profundezas do Douro, com a pintura de Corot, infinda, colorida de templo com vitrais ao sol, que é o Alentejo. Quem subiu à Serra de Montemuro, ficou iluminado e, como eu, ter-se-ia em sonhos de caminhar sôbre o mundo, à maneira de Jesus sôbre as águas. E a marinha extraordinária de tôda a região da Ria de Aveiro?

Também a inteligência do homem colaborou na caracterização da paisagem, que se humaniza, domestica e subtiliza.

Os castelos do Reno são os castelos do Reno, e só dali, dispostos com tal expressão poética e faculdade panorâmica, tão suas, que parece foram os homens que fizeram as rochas, formaram as alturas de cenário dramático, e lhes puseram ao fundo o rio.

Não há quem fale da Holanda, que não recorde os canais e os moinhos de madeira, perfilados na paisagem

FOTOS MANFREDO

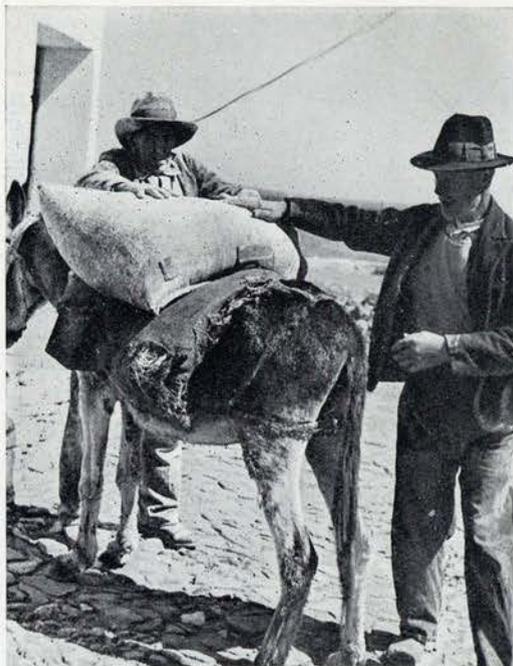



FOTO FRANCISCO SANCHES

rasa, com as enormes velas prontas a mover-se. Quantos a não conhecerão literàriamente do livro de Ramalho Ortigão!

E preguntemos, na impressão do artifício: foi a Holanda que inventou os seus moinhos e vive com êles aos olhos do mundo, — ou foram os moinhos que deram origem à lenda paìsagística da Holanda? Tão íntimas andam as duas parcelas do mesmo todo!

Na paìsagem portuguesa não faltam encantos naturais de relevos variadíssimos, de maravilhas de arborização ou colorido nas encostas e nos fundões; das várzeas tenras até às cristas de pinhais, recortados no céu azul, em renques aprumados e redondinhos de bilros em almofada de rendas. Do Gerez, da Serra de Nogueira, a Monchique ou ao Monte-Figo, no bordado meridional do território, quantas glosas do mesmo mote!

Há povoações com os seus castelos. E têm os nossos castelos feição, que discorda profundamente dos mitos heróicos das margens do Reno. Pois nunca nenhum poeta visionou em tôrre castelã um rei de Tule.

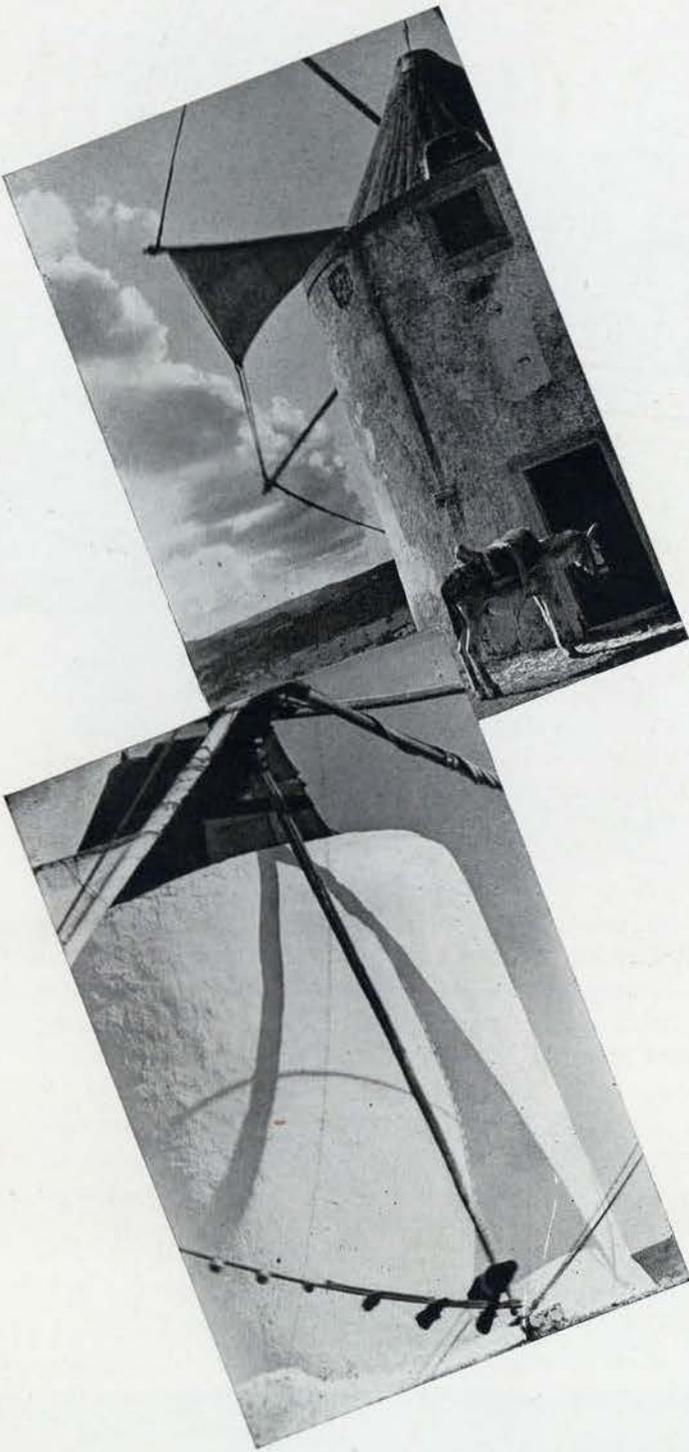
Nos nossos castelos há sempre qualquer coisa de coroa e de elmo de guerreiro, envoltos em poesia suave, sem encontrarmos onde começa o heroísmo e acaba a lírica de amores, exactamente como nos bordados das mãos femininas da nossa gente: desenhos, que se entrelaçam e não acabam nunca, porque sempre se continuam.

Nos cabeços, em volta das povoações da Estremadura, os moinhos de vento marcam balizas, que se não confundem, nem deixam esquecer a paìsagem. Se quiséssemos procurar as pedrinhas brancas, que os dois garotos do conto de Grimm deixavam pelo caminho, para se não perderem de casa, encontrá-los-íamos nos moinhos, de pé, nos altos, para se verem bem.

Em tôdas as zonas de Portugal, onde os rios e ribeiros, enredados nas terras, permitem a montagem dos moinhos de água, êles lá estão, com as rodas batidas pela fôrça canalizada e rica das levadas.

Onde a extensão linear não é possível pelos acidentes do rio, aí os temos dispostos em sobreposição pitoresca e hábil, como nos da Peneda, em Vila-Real.

FOTO HORÁCIO NOVAES

FOTO KHAN

Se os ventos o permitem, e as alturas se dispõem, os moinhos levantam-se; armam as velas brancas nas quatro vêrgas, cruzadas no grosso mastro horizontal, saído pela trapeira na cobertura cónica, e giram, quando encontram as correntes aéreas.

Do Norte a Sul há moinhos de vento. A paìsagem portuguesa mais movimentada, porém, de moinhos é a estremenha. Os arredores de Lisboa, tôda a terra saloia, por essa Província fora, estão impantes de moinhos. Uns estão reduzidos à carcaça das paredes cilíndricas; representam alguma coisa de tristeza e de decadência, tanto na paìsagem como na economia rural, esta a destruir essencialmente a primeira. Outros, tantos e tantos, aí estão de sentinela vigilante, com as velas em giro, mais desfraldadas, quando o vento força, de longe para longe, como a fazerem sinais de vida e grandeza uns para os outros.

Há montes com pares, filas, rosários de moinhos a trabalhar. E que bom é, para êles e para nós, quando êles estão a trabalhar!

É tão curiosa esta paìsagem estremenha, e sobretudo saloia, com os moinhos a eito, ora a seguir, ora sobrepostos, que nem presépios ou oratórios, com o frenesi de encher espaços e embelezar o aspecto! E não se vá de lembrança: nos presépios e nas cascatas do S. João, — preguntem-no aos bonequeiros das terras de Gaia, — faltam os remates, quando não está lá o moinho de vento, nos cimos do torrão. Nos presépios monumentais não podia faltar o moinho: repare-se que os mestres barristas da epopeia plástica do Natal viveram em Lisboa; e de Lisboa, cercada de moinhos, até nos altos hoje dentro da cidade e nela com toponímia, partiram discípulos e obras para todo o reino.

O que deu origem aos moinhos de vento, por sua vez lhe tem tirado a razão de existência. Deus o dá e Deus o tira! Aqui, é o vento, sempre o vento, e não foi êle que lhes depreciou o uso e a beleza.

A paìsagem de Lisboa, quando tudo, que é português, tem agora o resguardo e o carinho de o ser, precisa de defesa. Consertam-se, restauram-se os castelos. Está bem. Não contribui tal facto, senão parcialmente, para a conservação da paìsagem, que os enquadra. Consertem-se, conservem-se, mas de velas ao alto a girar a ronda contínua do trabalho, para que foram construídos, os moinhos onde os haja e correspondam às terras de pão, e não ao capricho inútil; mas, principalmente, os da terra saloia. Estes moinhos formam a paìsagem aos olhos, e demonstram o trabalho das suas mós: beleza na terra, alegria nos lares.

FOTOS MANFREDO

QUENTIN METSYS

SEUS DISCÍPULOS E CONTINUADORES, EM PORTUGAL

por Luís Reis Santos

A RAINHA SANTA ISABEL

Pintura do primeiro quartel do século XVI de um continuador de Quentin Metsys

Städt. Kunstmuseum. Düsseldorf

Se os painéis conhecidos de pintores portugueses quatrocentistas não acusam influências directas da arte flamenga, a despeito da visita que Jan Van Eyck fez a Portugal em 1428 e 29, os do comêço do século XVI acham-se intimamente relacionados com ela, e particularmente com os agrupamentos artísticos de Bruges, de Lovaina e de Antuérpia, com um Gerard David, um Albert Bouts e um Quentin Metsys.

Para isso muito contribuíram, certamente, as estreitas relações económicas e políticas entre os dois países, que mantidas já de longa data, dos tempos remotos da fundação da Monarquia Portuguesa, mais se estreitaram desde o casamento da Infanta D. Isabel, filha de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, com Filipe o Bom, duque de Borgonha, e mais tarde com o estabelecimento de feitorias, primeiro em Bruges e depois em Antuérpia.

Pintores flamengos fixaram-se então em Portugal, e pintores portugueses foram à Flandres.

Vários documentos nos elucidam acêrca dêste intercâmbio de que resultou para Portugal, pelo menos durante os primeiros decénios do século de quinhentos, uma arte manifestamente aparentada com a neerlandesa, muito embora dela se distinga em certas feições de inspiração e de técnica.

É, pois, da maior importância determinar a personalidade artística daqueles pintores, para se poderem definir melhor os aspectos fundamentais do alvorecer quinhentista, na pintura lusitana.

*

Hulin de Loo revelou a vinda a Portugal, em 1501, de um pintor chamado Roelof Van Velpen, de quem ainda hoje se desconhecem não só a biografia, mas quaisquer produtos da sua actividade profissional.

E o investigador Visconde de Juromenha comunicou ao Conde de Raczynski um documento que êste publicou, pelo qual se sabe que sete ou oito oficiais flamengos, mandados vir do seu país para trabalhar na oficina do Mestre pintor Francisco Henriques (1), — cuja nacionalidade ainda hoje se desconhece — aqueles e êste faleceram em Lisboa, de peste, em 1518 ou 1519.

Rombouts e Van Lerius, transcrevendo os documentos dos arquivos da Gilde de S. Lucas, de Antuérpia (2),

revelaram os nomes dos pintores portugueses Eduwart Portugalois, discípulo de Metsys em 1504 e *vrymeester* da confraria em 1508, e Symon Portugaloys, discípulo de Goosen Van der Weyden, em 1522.

Porém, até agora, ainda não foi possível identificar uma única obra de qualquer daqueles artistas portugueses.

Por outro lado, a arte de um tão notável pintor como foi o autor do precioso retábulo da Sé de Évora, que o eminente Dr. Max J. Friedländer atribuíu ao Mestre de 1500 (3), artista ecléctico revelando acentuadas afinidades com Hugo Van der Goes e Gerard David, e que por sua vez exerceu também influências em Portugal, essa personalidade, complexa no estilo, mas distinta e puríssima na forma e no processo técnico, possui muitos aspectos que encerram problemas ainda por resolver.

Frei Carlos, *framengo*, de Lisboa, que professou no Convento do Espinheiro, próximo de Évora, em 1517, e de quem se conhecem muitas obras, entre as quais duas datadas de 1525 e 1529, é um exemplo extraordinário de arcaïzante que, mantendo culto pelas tradições da escola de Bruges, revela todavia originalidade na composição e fôrça no desenho, qualidades raras nos artistas neerlandeses do seu tempo que prestavam homenagem à pintura antiga.

A influência flamenga entre nós, através de Frei Carlos e dos dois ou mais mestres dos grandes retábulos da Charola de Tomar e da Igreja de S. Francisco de Évora, é evidente em diversos painéis das parcerias de Gregório Lopes e de Cristóvão de Figueiredo, bem como da geração que as precedeu.

RESSURREIÇÃO

Aba de um tríptico do primeiro quartel do século XVI, procedente do Convento da Madre de Deus. Museu das Janelas Verdes — Lisboa

(Reprodução gentilmente autorizada pela Direcção dos Museus Nacionais de Arte Antiga)

Se atendermos a que Eduardo Português foi discípulo de Metsys em 1504, e que vários reflexos da arte dêste último se encontram em Portugal, em diversas tábuas do primeiro quartel do século XVI, compreender-se-á que deva usar-se do maior escrúpulo na identificação da obra daquele artista.

Infelizmente os únicos quadros que foram atribuídos ao pintor português discípulo de Quentin Metsys, aliás sem qualquer fundamento sólido, foram «A Virgem sentada num trono, o Menino Jesus e um Anjo», ainda há pouco exposto no Museu das Janelas Verdes, e um belíssimo painel representando o «Ecce Homo», recentemente oferecido pelo Sr. Louis Solvay, de Bruxelas, ao Estado Português.

Todavia, o primeiro não passa de uma cópia, simplificada e com variantes, da obra inconfundível do grande Metsys que é o quadro pertencente à colecção de Madame Panwitz em Hartekamp, próximo de Harlem.

E o segundo, caracterìsticamente filiado na chamada «escola portuguesa», nada possui, ao contrário do que se afirmou, que permita considerá-lo, com rigor, base segura de identificação (4).

*

A influência exercida em Portugal pela arte do famoso pintor neerlandês, retratista penetrante do caridoso Erasmo do «Enchiridion», deve ter-se dado directamente, como mestre de um pintor português, pelo menos, e indirectamente pela importação no nosso país de retábulos que ocupam lugar proeminente na obra do artista genial, tais como o tríptico com cenas

BAPTISMO DE JESUS CRISTO

Painel central de um tríptico do primeiro quartel do século XVI

Igreja de S. João Baptista - Tomar

A TENTAÇÃO DE CRISTO

Anverso da aba direita.
Tríptico do primeiro quartel do século XVI.

Igreja de S. João Baptista - Tomar

da «Paixão» do Museu Machado de Castro, de Coimbra e o célebre políptico das «Sete Dores de Maria» que ornamentou a Igreja do Convento da Madre de Deus, em Xabregas.

Do primeiro dos referidos retábulos de Quentin Metsys, pertencentes ao património artístico da Nação, existem as abas, numa das quais o «Ecce Homo» lembra a composição do célebre quadro que está em Madrid, numa colecção particular. Suponho que um fragmento, cortado em oval, com o busto da Virgem de mãos postas, tábua também pertencente ao Museu de Coimbra, é a única parte que resta do painel central, desaparecido.

Quanto ao políptico, de que deve faltar apenas um dos painéis laterais, dispersou-se infelizmente: seis quadros estão agora no Museu das Janelas Verdes, e um, que simboliza a «Fugida para o Egito», foi, ainda não há muito, vendido, por um antiquário de Londres, ao museu americano de Worchester.

*

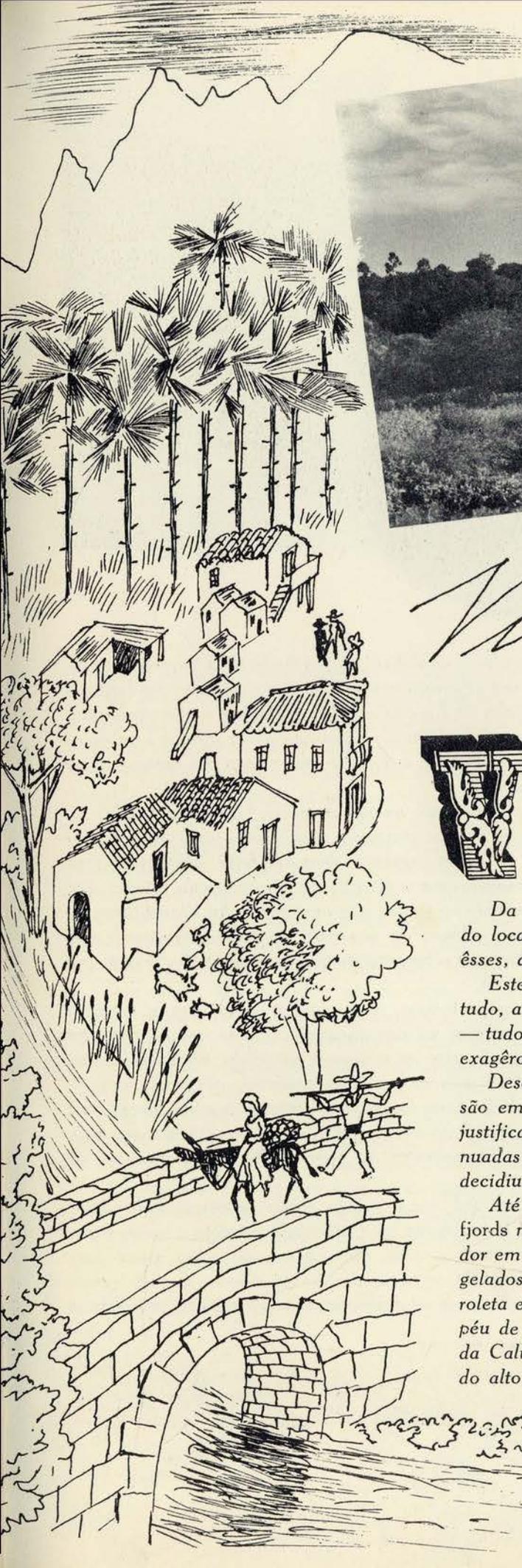
Mas falemos de algumas obras de presumíveis discípulos e continuadores de Metsys.

Relativamente a Eduardo Português, a lendária identificação partiu de uma opinião de Karl Justi que, depois de descrever a «amável Madona» do Museu de Arte Antiga da Capital, disse: «tudo isto denuncia um discípulo do Mestre de Antuérpia, mas a ornamentação do trono é portuguesa» (5). A hipótese formulada pelo prestigioso crítico alemão foi aceite de ânimo leve, como facto comprovado, por vários historiadores e publicistas, e confirmada na tabela que o quadro ostentou até há pouco.

É indubitável que Eduardo Português existiu; porém a sua personalidade estética permanece ainda, a-pesar-de tudo o que se tem escrito acêrca do assunto, desconhecida.

Devemos, pois, limitar-nos, por enquanto, a reünir, num agrupamento artístico, os quadros existentes em Portugal e os que foram possìvelmente pintados no País, que possuem maiores afinidades com a arte de Quentin Metsys.

E à frente dêsse agrupamento devo mencionar dois grandes trípticos: em primeiro lugar o da «Paixão» que pertenceu ao Convento da Madre de Deus e, depois, o do «Baptismo» da Igreja de S. João Baptista de Tomar (Págs. 9 e 10) que tem com aquele vários e muito sensíveis pontos de contacto. Do primeiro — vigoroso retábulo que se encontra no depósito do Museu das Janelas Verdes — nada poderá dizer-se, com respeito ao seu autor, enquanto não fôr liberto das espessas camadas de repinturas e vernizes que o cobrem (6).

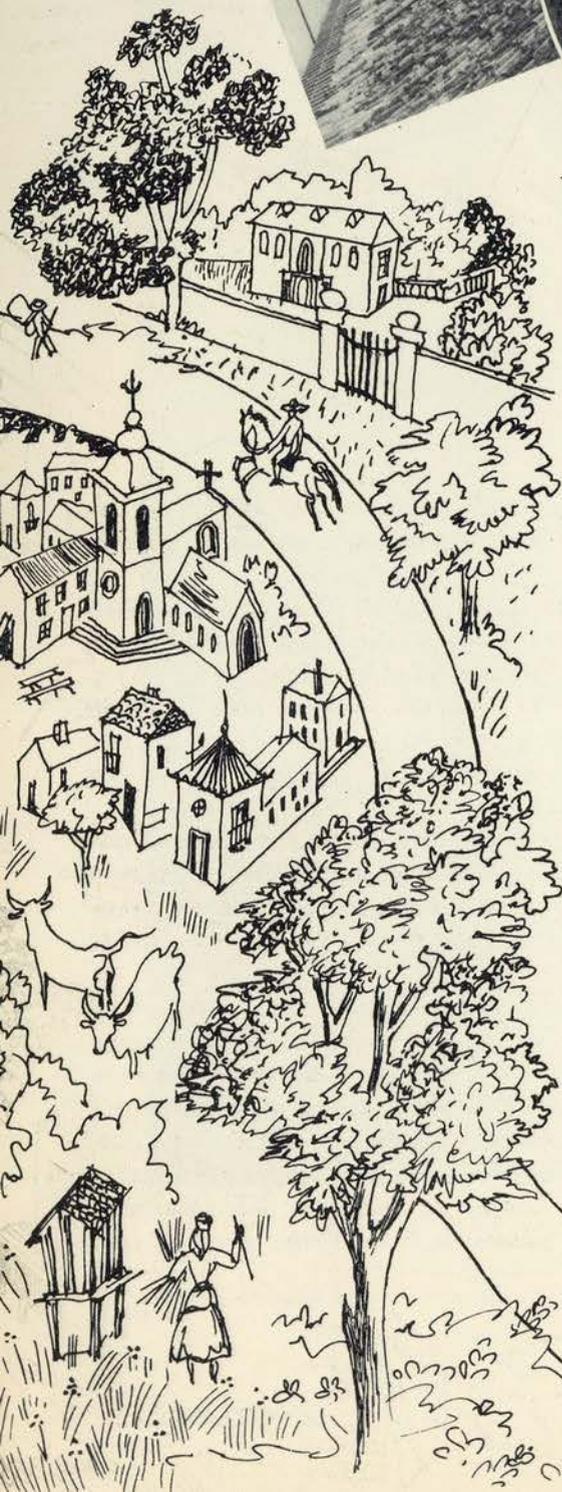
(Continua na página 8 do Boletim)

Vilegiaturas

VOLTA *a estar em moda «ir veranear para a Quinta», ou, mais plebeiamente, «para a província», ou ainda, «ir para fora».*

Da gente bem, *muitos possuem* Casa de Campo *e a escôlha do local não é problema; mas há ainda quem a não tenha e, para êsses, acertar com itinerário, é a primeira dificuldade.*

Estes ensaïam timidamente os primeiros passos e, nisto como em tudo, a falta de hábito, o mêdo à crítica ou o exagêro do não me ralo *— tudo a traduzir deficiências fundamentais — provocam receios ou exagêros.*

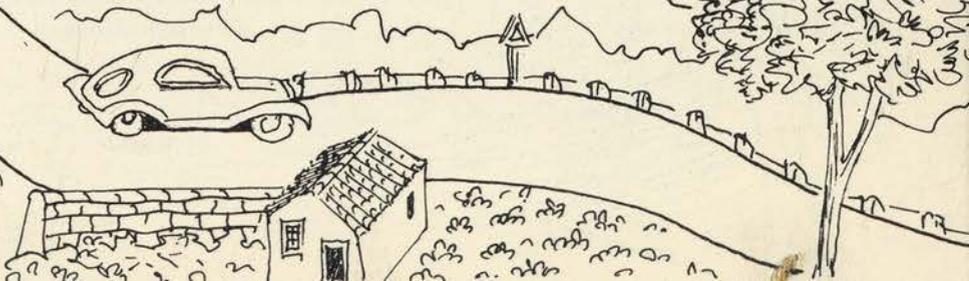
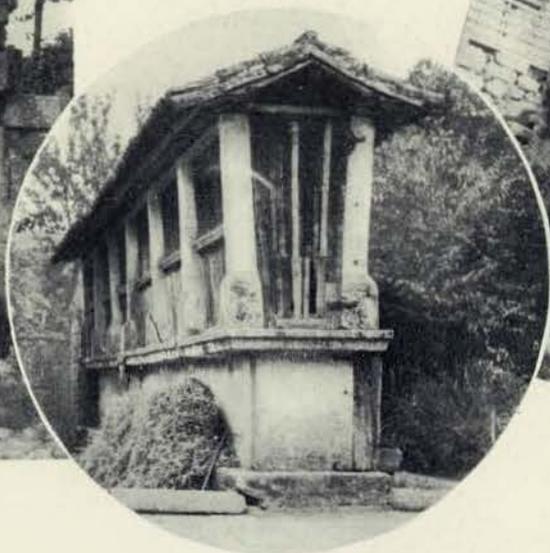
Descontem-se os factores de ordem econòmicamente razoável que são em verdade para atender e veremos apenas falsas razões para justificar o que socialmente se quere evitar ou outras tolamente insinuadas para desculpar o que em boa hora e inteligentemente se decidiu.

Até aqueles que conheceram boa parte do mundo, *visitaram os* fjords *nórdicos e dormiram ao sol da meia-noite; ouviram um pescador em Nápoles cantar «Ó sole mio»; caçaram leões em África enregelados pela cacimba; bolearam* ñandús *na pampa e glorificaram a roleta em Montevideo; atravessaram os Andes e compraram um chapéu de palha no Panamá; viram o rasto de uma estrêla pelas costas da Califórnia; contemplaram, através da ondulante neblina estival, do alto dum arranha-céus, as pontes de Nova York; coçaram, com*

dedo curioso, o bordalete umbilical de um Buda no Tonquim — mas, agora, pela fôrça das circunstâncias, vêem o seu espaço vital turístico limitado a êste jardim da Europa que é o seu país e o não conhecem, desgraçada e desgraciosamente — ficam hesitantes sôbre o local mais pitoresco aonde ir repousar a sério e retemperar os nervos, cujos excessos vão sofrendo.

Ora eu suponho que tudo quanto se possa fazer para sugerir recantos de verdadeira beleza, simples e virgiliana — onde se não viva amontoadamente ou constrangido — deve ser feito. Dar aos nossos emigrantes das cidades uma indicação ou um pequeno roteiro, que seja o melhor companheiro nestas «novas viagens dos descobrimentos rurais», que serão a génese da «epopeia do provincianismo», pretendo que constitua um empreendimento considerável a tentar por cada um, a seu modo.

Não se pode negar interêsse, para os olhos de um artista, ou para a necessidade terapêutica de um esgotado, a tudo quanto constitui a vida, no seu aspecto exterior e no seu conteúdo, observados num recanto perdido dêste país de presépios esparsos, quer seja contemplada na simplicidade quási primitiva de uma aldeia da Serra, quer vivida num burgo já influenciado pelas cidades, com tôda a gama de intromissões e abastardamentos da pureza alterada, para bem ou para mal.

Contemplar o sol que nasce e logo cresta os cimos dos montes e dissolve os rôlos de novoeiro, que, destilado durante a noite, branqueia os fundos negros do vale; debruçar-se sôbre um regato cantante; sentir a euforia de um meio dia de verão sob a copa frondosa de uma árvore, cujo nome se desconhece, enquanto aos seus pés se

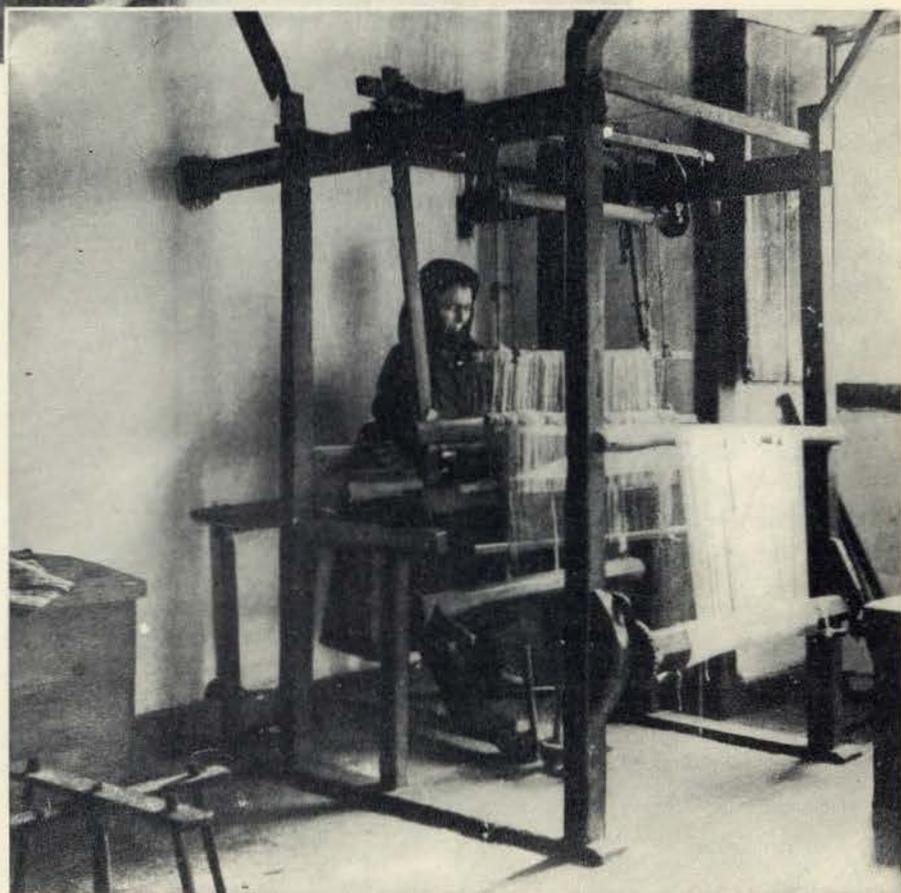
DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

despenha ou corre mansamente um rio de águas claras, aqui e além riscado pela trajectória rápida dos peixes esguios; pescar a truta pintalgada que está ao sereno à espera paciente que a borboleta preferida passe ao alcance do salto fácil e fatal; extasiar-se, deliciosamente recostado num caramanchão de flores, diante do mais cientìficamente colorido filme que jamais se ultrapassará — um pôr do sol — em que tôdas as côres em orgia de variedade e maravilha de combinação se sucedem a envolver silenciosamente coisas e sêres até que a noite, insensìvelmente, no seu cenário de claro-escuro se deixe ouvir solenemente, na sempre grande sinfonia do silêncio...

Depois, à volta, quando se faz mister contar o que se fêz nas férias, não faltará assunto novo e impressivo, nem terá de recorrer-se aos desenxabidos «potins» em que, quási sempre, uma das vítimas, é o que conta. Descreverá a côr da relva, o porte do arvoredo, a forma e tonalidade dos montes (com uma lendazinha de lôbos e guerrilheiros audazes), falará da mirífica excentricidade de um morgado local, da graça das camponesas e do pitoresco do seu trajar, com costumeiras de sabor romântico, que venham de tempos vetustos, geradas à sombra de velhos monumentos, cuja arte se descreve; e será herói de viagem, pois de início é tarefa de pioneiro, para seduzir os ousados, que atrás de si atraïrão os crentes e por fim os tímidos. E não virá tarde o tempo em que os portugueses terão perdido alfim a mania de desdenhar do que é seu, passando uns a explorar e outros a gozar as maravilhas que temos, convencidos, por bem, de que se pode ser profeta na própria terra.

T. A.

(Continua na pág. II)

TAMBÉM as mantas que se fazem em vários pontos do país, têm, como estas — fotografadas em Mira d'Aire — tradição regional. Pelos desenhos, as côres e a própria «matéria» do tecido, muitas dessas mantas são elementos de apreciável valor decorativo, em certos interiores de estilo rústico.

FOTOS BIVAR SALGADO

SETÚBAL *e os seus variados, interessantes e encantadores atractivos*

Aspecto geral da cidade e vista do pôrto

SETÚBAL, quando se faz a viagem por via-férrea, entrega-se logo ao visitante, como agradável centro urbano, com as suas ruas arborizadas, algumas edificações vetustas, os largos acolhedores de brincados jardins. Mas, usando-se a estrada, a cidade descobre-se por uma forma mais atraente, escondida na cinta verde dos seus pomares rescendentes e frescos, que se multiplicam em cada curva do caminho aos olhos ávidos de ver. É bem uma entrada triunfal, após os torcicolos da Boa Morte, por entre altos muros onde as copas das laranjeiras se debruçam, a larga avenida que desemboca na vasta praça em honra dos que caíram na Guerra, recordados em obelisco singelo de tocante simbolismo.

Estamos, assim, numa cidade moderna — que não perdeu, porém, o sêlo da sua tradicional personalidade portuguesa — palpitante de vida. Se quisermos melhor sentir a sua beleza aliciante, na variedade dos panoramas, na mutação rápida das vistas e nas aguarelas diversas dêste ou daquele recanto — não há maneira mais própria de satisfazer êstes desejos do que empreender a viagem por mar.

Apercebida ao longe, com o luxo dos seus campos, a magnificência das suas falésias, de forte riqueza mineralógica, que ao Sol faïscam no tufo dos pinheiros gigânteos, a exuberância das suas águas, a segurança do seu pôrto natural de múltiplas enseadas — de que o Portinho da Arrábida goza primasia justificada — tudo nos diz que, antanho, devia ter sido coito de quem andava nas ondas do mar e vinha de longe, e para longe ia.

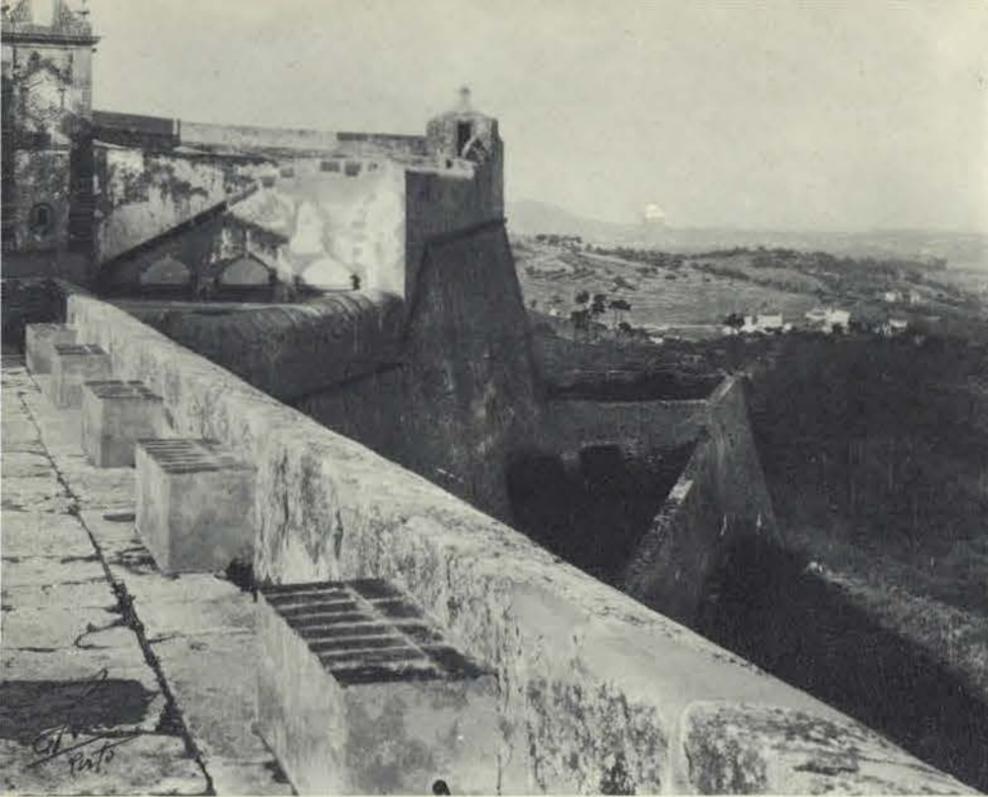



FOTO ALVÃO

Panorâmica da cidade

Que ela fôsse a *Cetrobiga* dos romanos, ou que *Cetobriga* tivesse sido — como, com tumultuários argumentos, querem outros — em Troia, na margem esquerda do Sado, que é, em nossos dias, praia de raro encanto a narcizar-se no rio e a namorar a cidade, é problema que demanda delongas, muito poder de imaginação, aturadas pesquisas, subtis, quando não esdrúxulas conclusões, que se opõem à delícia de ver *o que há para ver* em Setúbal, conquistar, plenamente, os variegados encantos de tão lindo centro turístico, pois de lá fàcilmente se desloca o viajante para outros formosos lugares, como Outão, a praia de Albarquel e outros.

A dois passos de Lisboa, passos andados por estrada soberba, assistindo ao desbobinar de instantâneos agradáveis (ora horta bem regada; além, nesga do Tejo a enxergar-se através de altos troncos; depois, um casal branqueando em campo de lavra, à sombra de hercúlea elevação de tonalidades rubras), Setúbal pode constituir um dos mais agradáveis motivos de *fim de semana* para quem não tem facilidades de se afastar da Capital e deseja encher a vista de naturais belezas que lhe retemperem as fôrças para o dia-a-dia.

Somam-se, na região setubalense, os panoramas: — cidade, serra, campo e mar. E, assim como êstes panoramas se desdobram, também a própria cidade tem, em si, aspectos distintos. Quem leva a certeza de encontrar um aglomerado fabril dinâmico, ruïdoso, fica espantado porque descobre, ao lado dessa realidade, outra realidade: — a cidade de uma região rural soberba. Quem julga, ao primeiro contacto, que está numa terra sem tradições, engana-se: em cada rua, topa com um portal antigo, de fino lavor manuelino e tem nas igrejas—principalmente o Convento de Jesus, que foi das Capuchas claristas — motivos que satisfazem o mais sábio apreciador de antiqualhas artísticas, algumas arquitectónicas ou pictóricas, de raro quilate e de traça formosíssima

Com o ser uma *cidade industrial* — as fábricas de conservas e trabalhos afins contam-se em imensa escala, sendo as sardinhas de conserva, aí produzidas, de bom aprêço, quer pela qualidade do peixe, quer pela forma da sua preparação — Setúbal tem hoje uma existência serena de boa cidade portuguesa, havendo que notar os progressos levados a cabo nos últimos anos, mercê da fôrça restauradora da Revolução, que a dotou de um pôrto à altura das suas necessidades.

O Castelo de S. Filipe — os reis Filipes o mandaram edificar e o arquitecto italiano Terzo, também Filipe de nome, construíu — constitui admirável padrão de arquitectura militar do século XVII. Visitá-lo, é receber, nêsse capítulo, proveitosos ensinamentos. Mas, satisfeita assim a curiosidade *técnica*, outra razão há para nos quedarmos ali por largo espaço: — Portugal, rico de vistas, tem em S. Filipe um dos seus melhores miradouros. Espraia-se o olhar por essa majestosa Avenida Todi e vai passeando, sem fadiga, pelo aglomerado das casas, distinguindo, aqui e além, as tôrres de uma igreja, o mouchão do agradável campo do Bonfim, que serve de cenário ao belo edifício do liceu e escola industrial; volta-se para leste e descobre tôda a largura da foz do rio, banhando na margem direita o pôrto, de pesca e fabril, em movimento constante, na margem esquerda a praia da Troia e os primeiros areais da Comporta, já no Concelho de Alcácer do Sal — que é a mais extensa, a mais curiosa lavra de arroz desta fértil península! Passam-se horas no Castelo de S. Filipe e sente-se, então, o desejo de ir mais alto, de abarcar aquela vastidão de horizonte, que não tem par: — o Castelo de Palmela, sentinela vigilante de duas barras, a do Sado e a do Tejo...

FOTO MANFREDO

Em Setúbal há numerosos pormenores de interêsse arquitectónico

Mira Sado

Cêrca do Convento de Jesus

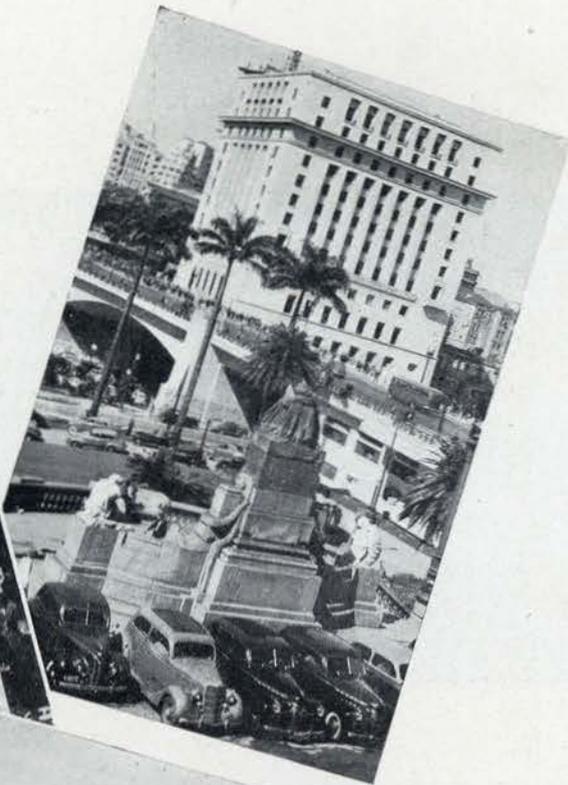
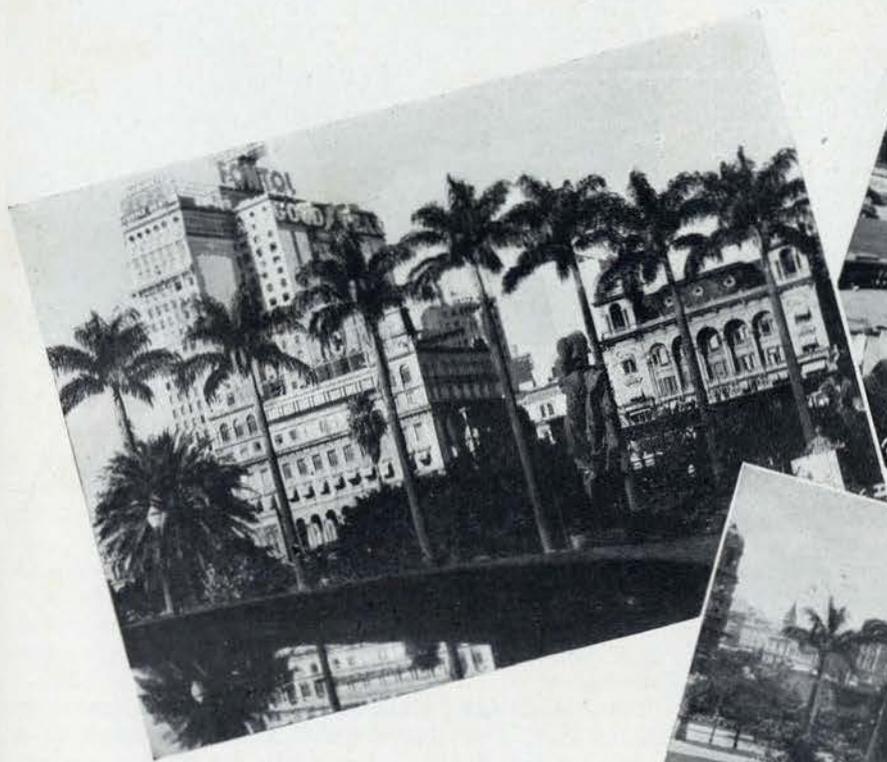
De regresso à cidade, de casaria multicolor tão vibrante, de jardins tão cuidadosamente floridos, o turista que, em horas breves, tomou contacto com tão diversos e belos horizontes, antes de se dirigir a qualquer das casas de pasto dos arredores, deve apreciar os pratos regionais. Além da *caldeirada*, em que se misturam os peixes do mais delicioso gôsto (lugar de primazia ao charroco, que por ser feio não pode ser olvidado, pelo bem que sabe), oferece Setúbal às exigências do mais ático gastrónomo, sem falar no salmonete clássico, a decantada carne de porco com ameijoas, de perfume perturbador: pelo segredo dos temperos. Para regar o ágape — como aperitivo, tem camarões primorosos, sardinhas ao natural ou conservadas em finíssimo azeite — , que deve terminar com as delicadas frutas locais, encontra o apreciador vinhos comuns de aveludado paladar. À sobremessa, o licoroso *Moscatel*, cuja aguardente rivaliza com os melhores conhaques.

Assim reconfortado, regressa o viajante, ao fim do dia, para no doce entardecer do Outono — que tem encantos estranhos na sua luz lilás — se demorar um pouco, sob as ramarias dos eucaliptos que bordam a estrada, a ver, após a risonha Vila Fresca, o palácio ducal de Aveiro, em Azeitão, que, a pesar da sua vasta e fidalga traça, não atravanca o panorama, antes lhe empresta um cunho majestoso que deleita a vista e nos fala de magnificências passadas.

MARINHO DA SILVA.

SALVEMOS OS PINHEIROS! — uma das maiores fontes de riqueza da economia nacional e um dos mais belos atributos da paisagem do continente. Grandes extensões de pinhais estão agora ameaçadas, nalgumas províncias, por uma doença provocada pelo ciclone do ano passado. Todos os proprietários e silvicultores devem acatar as instruções emanadas pela Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas, a-fim-de se evitar que o terrível mal se desenvolva e propague.

FOTOS J. BENOLIEL

SÃO PAULO

A CIDADE PRODÍGIO

por José Osório de Oliveira

Nos fins de 1552, o primeiro governador do Brasil, Tomé de Sousa, levando em sua companhia o padre Manuel da Nóbrega, deixou a cidade do Salvador, por êle fundada na Baía de Todos-os-Santos, capital da nova Colónia, e dirigiu-se, ao longo da costa, para as capitanias do Sul, ameaçadas pelos franceses, pelas incursões dos espanhóis e pela revolta dos índios. O seu parente, Martim Afonso, fundara, anos antes, o que os brasileiros chamam a «célula mater» da nacionalidade: São Vicente — primeiro núcleo de colonização branca em terras de Santa Cruz. Dessa localidade, que era já uma povoação portuguesa, partiram, serra acima, o governador e o padre. Quando chegaram ao planalto, onde terminava a floresta da Serra do Mar e começavam os descampados de Piratininga, encontraram um homem singular: o português João Ramalho, que ali chegara em 1513, ali se juntara com a filha do chefe índio Tibiriçá e espalhara pelas redondezas a sua numerosa descendência. É êsse o homem que na história do Brasil ficou conhecido pela designação de Patriarca. Ao sítio onde morava e que possuía já uma capela consagrada a Santo André, concedeu o governador o foral de vila, passando o colono João Ramalho a ser Capitão e Alcaide-mor de Santo André da Borda do Campo. O padre Manuel da Nóbrega, na sua missão de apóstolo, percorrendo os campos de Piratininga, escolhe o local dêsse nome, simples aldeia de índios, para ali fundar um colégio da Companhia. Ali, de facto, se instalaram, dentro em pouco, os jesuítas, e assim nasceu S. Paulo de Piratininga, para lá se transferindo os habitantes de Santo André, com o Patriarca, que passou a ser Capitão-mor da nova vila portuguesa e cristã. Um pioneiro, que quarenta anos antes subira, talvez, sòzinho a Serra do Mar, através da ínvia floresta; um chefe índio, que êsse homem soubera conquistar para Portugal; o primeiro e um dos maiores governadores que o Reino mandou para a Colónia; um dos primeiros e, talvez, o mais admirável dos servidores de Cristo no Brasil, juntaram-se assim, para, «em prol e serviço de Deus e de El-Rei», lançarem, no ano de 1553, as bases da mais espantosa cidade do nosso tempo.

Dos meados do século XVI aos dias de hoje decorreu tempo bastante para que a simples aldeia de índios se transformasse numa grande cidade. Era suficiente a evolução natural dos aglomerados humanos e não seria, mesmo, necessário, para

Estádio Municipal

Parque Dom Pedro II

Jardim do Museu Ypiranga

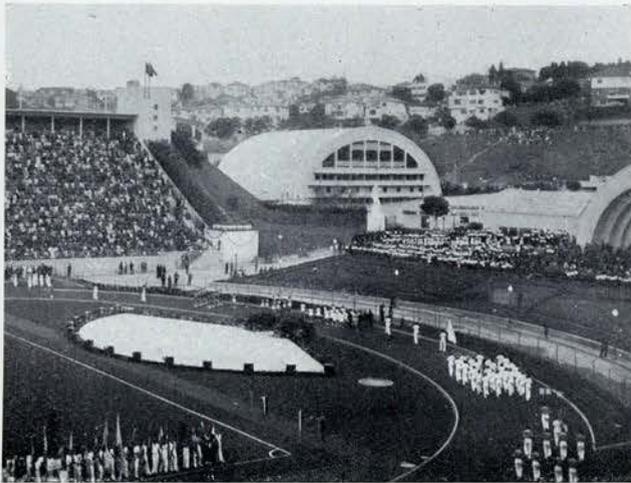
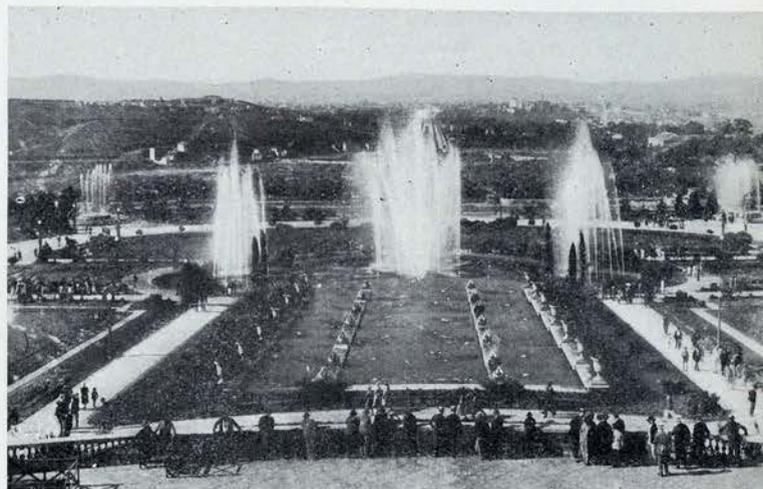
Monumento a Ramos de Azevedo

explicar tal transformação, recorrer ao argumento de que os países da América se desenvolveram ràpidamente e de que os seus centros urbanos, em especial, crescem muito depressa.

O mesmo aconteceu, de uma maneira geral, em tôdas as cidades do Brasil e dos outros países americanos, do Norte ou do Sul, sempre que o Progesso não mudou o seu curso, em determinada altura da evolução dêsses centros urbanos.

Podem, de facto, visitar-se, no Brasil, cidades que estacionaram, como Ouro Prêto, que ficou tal qual como no século XVIII, sem a vida e a importância que lhe davam o nome de Vila Rica — capital das Minas Gerais. Por mais estranho que pareça, o Brasil conserva o que em Portugal não existe: uma cidade setecentista em tôda a sua pureza — uma cidade que ficou parada no Tempo, com as suas admiráveis igrejas barrocas, com os seus velhos sobrados coloniais, com as suas íngremes ruas empedradas, por onde julgamos ver passar, ainda, o poeta arcádico Tomás António Gonzaga, doce cantor de «Marília».

Mas, em geral, as cidades do Brasil cresceram sempre, seguindo o ritmo de um imenso país do Novo Mundo, cheio de possibilidades, favorável às iniciativas dos seus filhos, outrora preiadores de índios, pesquizadores de ouro e de diamantes e senhores de engenhos, modernamente usineiros de açúcar, grandes cultivadores de cana, de «fumo», de cacau, de café, de algodão, ou grandes criadores de gado; país aberto a todos quantos nêle procuram o que a velha Europa não lhes podia dar: os emigrantes portugueses, italianos, alemães — homens de tôdas as nações, trabalhadores, ambiciosos, criando indústrias, desenvolvendo o comércio, enquanto, por sua vez, os capitais ingleses e norte-americanos acorriam, e o Estado mandava sanear, ordenar, construir. Assim se desenvolveu o Rio de Janeiro, a Baía, o Recife, Belém do Pará, Manaus, Belo-Horizonte, Juiz de Fora, Ribeirão Prêto, Campinas, Santos, Curitiba, Pôrto-Alegre, tantas outras cidades, espalhadas pelo imenso território do Brasil! E cada dia, novas cidades surgem, construídas, como a povoação de Santo André da Borda do Campo, do tempo de João Ramalho, junto da floresta, lá para os confins do Estado de São Paulo, na região do Noroeste, recentemente conquistada para a Civilização, como se com as locomotivas avançassem as edificações, fazendo recuar diante delas a virgem natureza. Tudo isso, porém, é natural na terra americana.

O que já não é natural, o que pertence ao número das

Inauguração do Estádio Municipal de São Paulo

coisas prodigiosas, é o desenvolvimento da cidade de São Paulo. Há trinta anos, quando, criança portuguesa, cheguei a essa cidade, fui morar numa avenida próxima do centro, a dois passos do Triângulo — coração da urbe. Pois as traseiras dessa casa davam para o mato. No próprio centro comercial, havia casas térreas, e os edifícios modernos tinham, quando muito, dois ou três andares. A Sé era uma velha igreja dos tempos coloniais, e as ruas circunvizinhas guardavam o aspecto que tinham na época romântica de Álvares de Azevedo. O viaduto do Chá passava por cima de terrenos vagos onde crescia o capim, embora ligasse o Triângulo ao sumptuoso Teatro Municipal.

Cidade calma e um pouco provinciana, de trezentos mil habitantes, onde os homens, a-pesar dos «bondes» e dos automóveis, se serviam ainda dos chamados «tilburis» — pequenas viaturas para um só passageiro, puxadas por um cavalo! Tudo vivia, ainda, imerso numa atmosfera de tranqüilidade e de melancolia. Quando lá voltei, dez anos depois, São Paulo não tinha, ainda, arranha-céus, mas já não reconheci, no movimento das ruas, na extensão das avenidas, nos prédios que se elevavam, a cidade da minha infância.

Outros dez anos se passaram, e a São Paulo voltei pela terceira vez. Não foi só a cidade da minha infância que procurei em vão, mas aquela que vira na juventude. Tudo mudara: a antiga rua de São João era uma larga avenida, rasgando a cidade; o viaduto do Chá tinha sido substituído; a várzea do Braz era um parque; os prédios antigos tinham desaparecido quási por completo, e se o centro se comprimia ainda no Triângulo, aumentara em altura, crescera para os céus. Nos passeios nostálgicos por entre a «garoa», procurando alguma imagem da minha infância paulista que o Progresso não tivesse destruído, olhava para cima, e via a cidade enorme crescendo sempre, cada vez mais alta.

Era bem «a Cidade Prodígio», de que fala um dos seus poetas:

«... *a maravilha americana,*
eriçada de guindastes, soberba de palácios,
onde um milhão de heróis modernos ergue duas casas por hora».

Êsse poeta é um cantor verbalista, seduzido pela eloqüência das palavras, que podia ter tomado a sua cidade como tema retórico de um discurso para exaltação do orgulho regional dos homens de São Paulo. Mas há pouco tempo chegou-nos às mãos uma brochura: *As Capitais da América,* publicação do Departa-

Jardim do Museu Ypiranga

Panorama visto da Avenida Paulista

Tunel da Avenida 9 de Julho

mento Estadual de Estatística, da autoria de Nelson Mendes Caldeira, que exerce as funções de director da Bôlsa de Imóveis e que, em vez de versos sonoros, tem escrito, apenas, trabalhos sôbre assuntos imobiliários, questões urbanas e problemas económicos. Pois nesse opúsculo, os números falam ainda mais eloqüentemente do que as palavras do poeta e sem que se possa pensar ter havido exagêro literário na hipérbole. «Maravilha americana», sim!; o poeta tinha razão.

Estádio Municipal

Pelas estatísticas referentes a 1940, verifica-se que São Paulo, com 1.380.000 habitantes, ocupa o oitavo lugar entre as grandes cidades da América, abaixo de Nova York, Chicago, Buenos Aires, Filadélfia, Rio de Janeiro, Detroit e Los Angeles, acima de Cleveland, Baltimore, São Luiz, Montreal, Santiago do Chile e cidade do México.

Se três das cidades norte-americanas enunciadas: Filadélfia, Cleveland e São Luiz, decresceram nos últimos dez anos, duas outras: Los Angeles e Detroit, tiveram, de 1920 a 1930, um desenvolvimento prodigioso, devido às indústrias cinematográfica e automobilística. Mas se a primeira aumentou 114 %, São Paulo, no mesmo decénio, aumentou 53,3 %; mais do que o Rio de Janeiro, que aumentou 30,2 %, mais do que Buenos Aires, mais do que Chicago, mais do que Nova York!

Entre 1930 e 1940, com a tremenda depressão económica que sucedeu ao «krach» financeiro de Wall Street, o ritmo do desenvolvimento urbano nos Estados Unidos e um pouco em todo o continente americano, diminuíu de intensidade, estacionou ou retrogradou. Segundo a monografia de que nos servimos, «das doze maiores cidades ianquis, seis tiveram decréscimo de população e uma estacionou. Cinco apenas progrediram sob o aspecto demográfico.

Monumento da Independência

«Algumas lentamente. Baltimore levou dez anos para fazer o que São Paulo fêz num só ano. Outras, no entanto, cresceram com o mesmo vigoroso ímpeto anterior. Nova York aumentou de 450.000 pessoas. Detroit e Los Angeles continuaram no seu esplêndido ritmo».

Apesar de ter sofrido, também, uma grande depressão económica, São Paulo salta por cima de tôdas as cidades americanas e conquista, nesse decénio, o primeiro lugar entre os centros urbanos de maior expansão demográfica. Ao aumento de 20 %, registado por Los Angeles, São Paulo contrapôs êste espantoso coeficiente: 55 %. Se Los Angeles aumentou, por ano, 12,4 %, ou sejam 38.600 almas, São Paulo aumentou 21 %, ou sejam 64.000 almas! Não é só, porém, a população que aumenta, em São Paulo, dessa maneira vertiginosa, superando os índices de crescimento de Nova York, Chicago, Buenos Aires, Filadélfia, Rio de Janeiro, Detroit e Los Angeles — as cidades que estão ainda à sua frente. O ritmo das construções é igualmente assombroso: *enquanto 102 paulistanos constroem uma casa por ano, são necessários, para o mesmo fim, 133 buenairenses, 290 cidadãos de Chicago, 360 cariocas e 423 nova-iorquinos!* No último ano observado pelo autor do opúsculo que vimos citando, *cada paulista edificou 1,22 m², enquanto o buenairense construiu 0,73 m², e cada carioca meio metro quadrado!*

É preciso, ainda, ter presente que tôdas as grandes metrópoles, como diz o Dr. Nelson Mendes Caldeira, se formaram «com o tempo, a pouco e pouco, em lenta gestação».

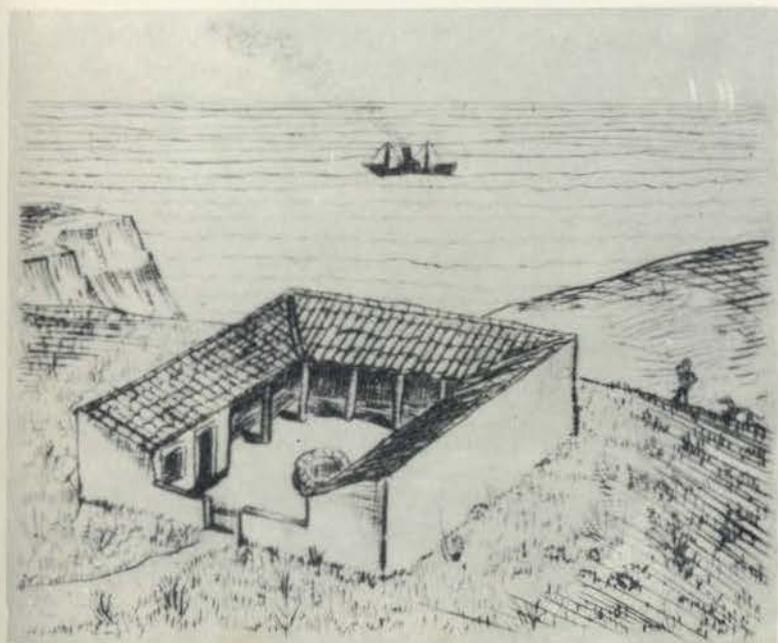
«Nova York mesmo, citada como cidade recente, já possuía 1.478.000 habitantes em 1870, quando São Paulo — o São Paulo da garoa e das serenatas — começava a ser julgada cidade próspera com suas pobres 31.000 almas.

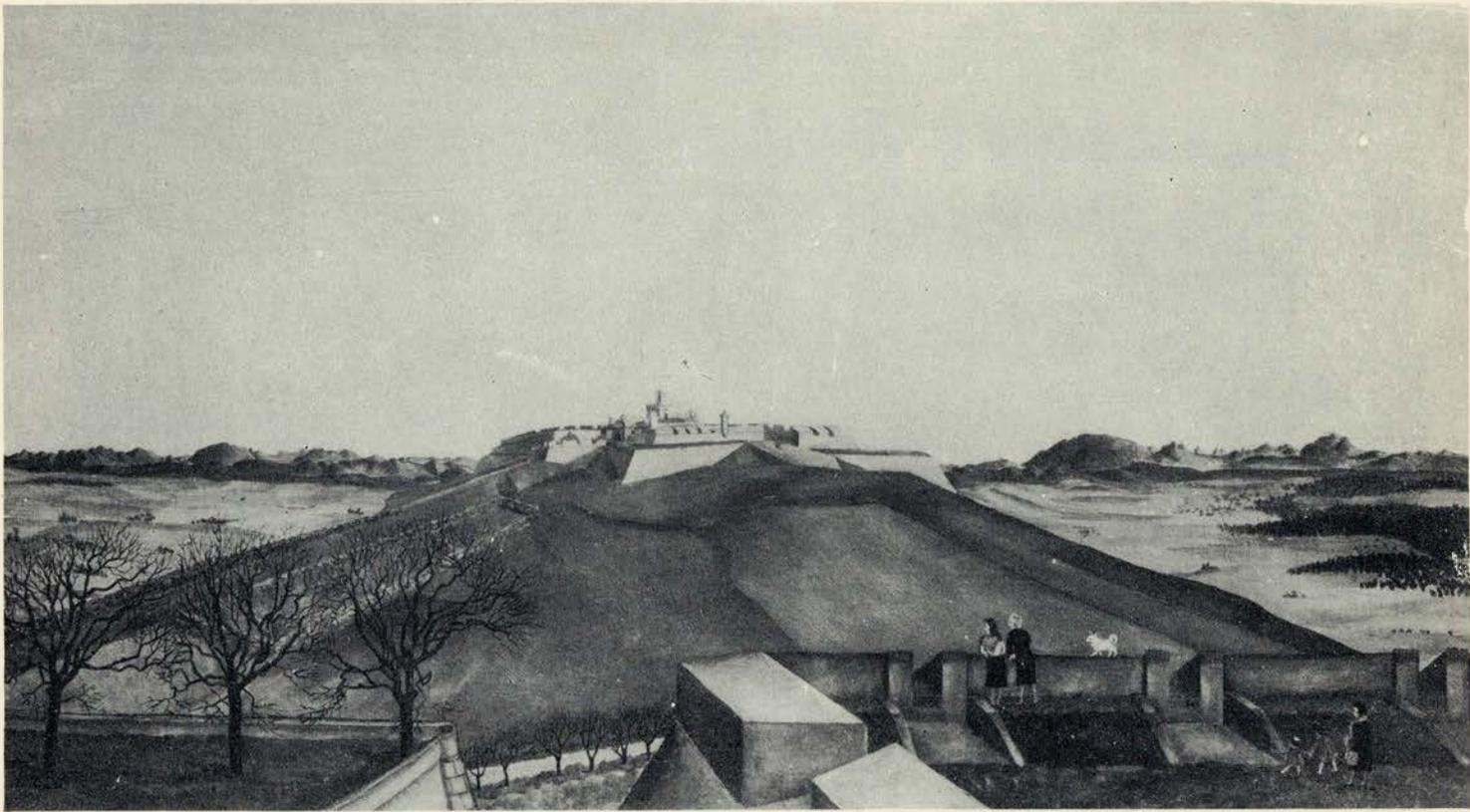
«Buenos Aires e Rio, por essa altura, já se orgulhavam dos seus 300.000 habitantes».

«São Paulo, Los Angeles e Xangai são hoje os centros urbanos que mais crescem, não sendo exagêro afirmar — como o autor de que nos socorremos — que o primeiro lugar no mundo cabe hoje à Capital paulista».

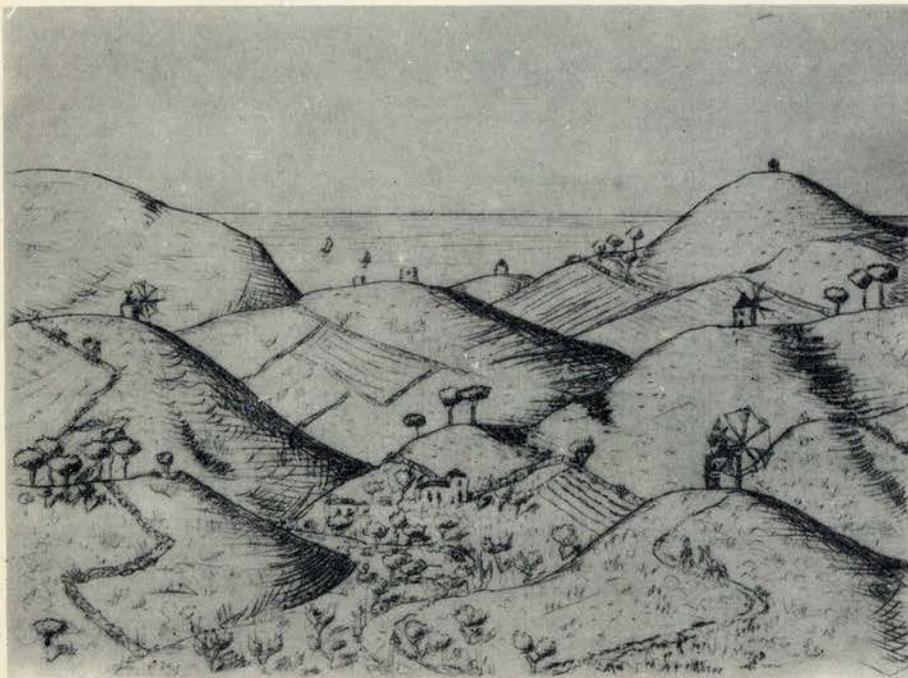
Não se pode dizer que tenha sido infecunda a semente lançada, nos descampados de Piratininga, pelo Patriarca João Ramalho e pelo padre Manuel da Nóbrega.

Sintra — Óleo

A PAÏSAGEM PORTUGUESA
E OS PINTORES ESTRANGEIROS

TODOS o sabem: — a païsagem portuguesa é manancial inesgotável de temas pictóricos. Daí o ser freqüente passarem por cá artistas estrangeiros que, enfeitiçados pelos seus encantos, nunca mais podem separar-se dela. Reconheçamos, todavia, que raros souberam interpretá-la. Não porque o *modêlo* seja esquivo, de traços pouco nítidos. Pelo contrário. A dificuldade reside exactamente na sua prodigiosa nitidez e na diferenciação, no carácter inconfundível dos seus múltiplos aspectos: a luz, a policromia, a variedade...

Beira-Mar — Água-forte

Elvas — Óleo

COMO A ARTISTA ANNE MARIE JAUSS INTERPRETOU ALGUNS DOS MAIS TÍPICOS TRECHOS DA NOSSA PAÏSAGEM

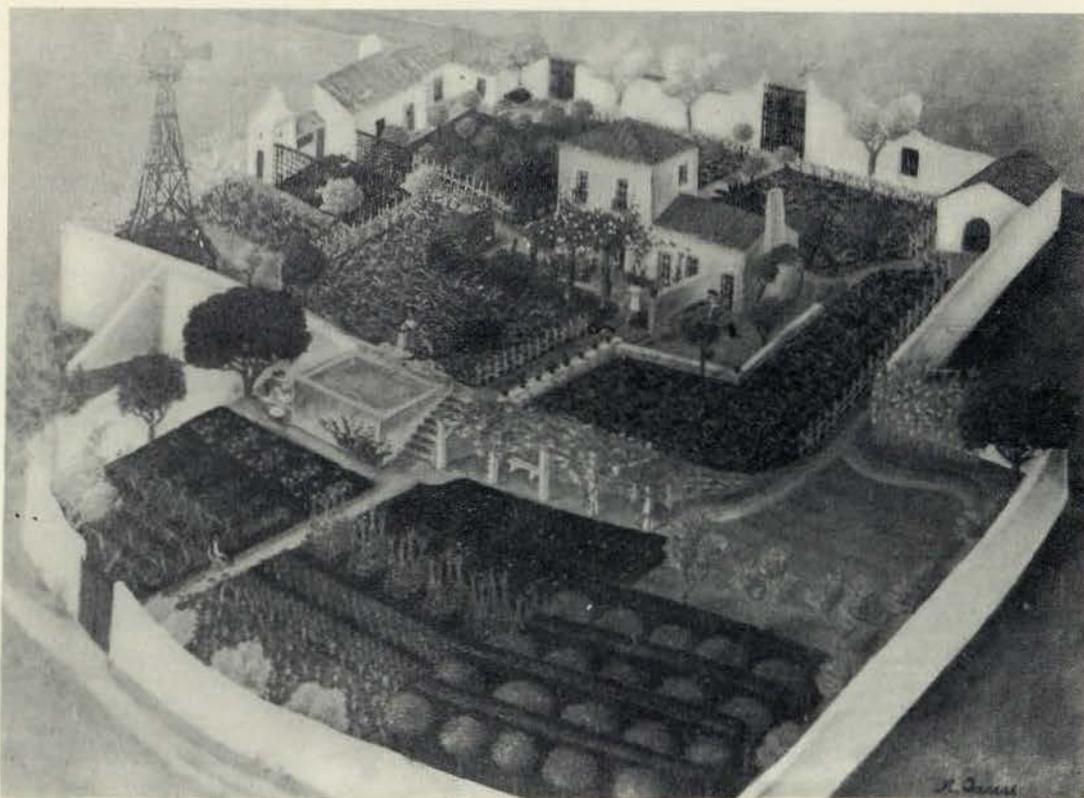
Païsagem com moinhos. — Aguar-forte

Anne Marie Jauss é uma excepção admirável. Com uma visão plástica de pura ingenuïdade, de gostoso primitivismo, contempla e interpreta, êsses aspectos, compreendendo-os e sentindo-os, ao mesmo tempo, e profundamente.

¿Não estará certo dizer-se que a nossa païsagem a comove? Vejam-se os trabalhos que nestas páginas reproduzimos. Imediatamente reconhecíveis (¿que ângulo fotográfico poderia dar-nos, com tão plena evidência, a Sintra que ela fixou?) envolve-nos, no entanto, êsse halo misterioso, de candura lírica, de infantilidade revivida, que encanta e enternece.

Sensibilidade notável, a desta artista estrangeira, cujos invulgares recursos técnicos, postos à prova em todos os seus trabalhos, desde o *óleo* à *ponta sêca* — pela côr, o desenho, o sentido harmónico da composição e os pequenos milagres da perspectiva

Caparica — Desenho

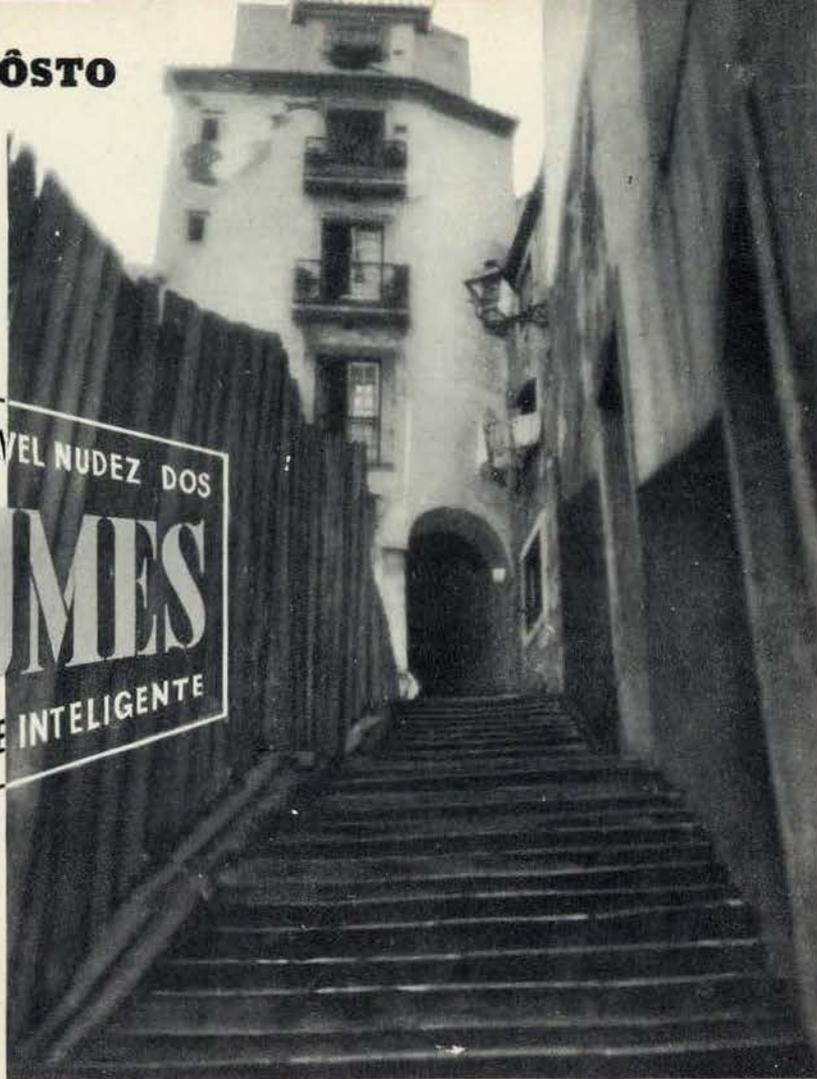
— não lograram (coisa rara!) asfixiar. Repare-se, por exemplo, no quadro a que chamou «Pequena quinta». Ou, antes: na reprodução dêsse quadro. Porque os óleos, gravuras e desenhos de Anne Marie Jauss estão ainda no seu *atelier*, aguardando oportunidade para serem expostos em público.

R. C.

Pequena quinta — Óleo

CAMPANHA DO BOM GÔSTO

CUBRA-SE A DESAGRADAVEL NUDEZ DOS

TAPUMES

COM UMA PUBLICIDADE INTELIGENTE

NÃO é raro encontrar-se nas cidades, mesmo nas ruas e praças mais movimentadas e centrais, com prejuizo da estética urbana, feios tapumes de madeira, construidos de velhas tábuas carcomidas, completamente nús ou cobertos, aqui e além, de restos de antigos cartazes.

Embora ninguém ignore que se destinam à exclusiva finalidade prática de vedar as fachadas de prédios e de lojas comerciais em obras, poucas serão as pessoas que não sentem, vendo-os, uma impressão de tristeza. Esses tapumes pertencem àquela espécie de coisas absurdas, das quais, por instinto e ràpidamente, retiramos a vista. São, portanto, repulsivos — como os aleijões e os mendigos esfarrapados.

Lisboa está cheia dêles. Muitas vezes, numa só rua da «baixa» depara-se com dois ou três.

Impressão de mal-estar, de melancolia, de miséria. E isso fica em nós, ainda que não o saibamos. Fica pegado à memória visual, como uma gôta de óleo que alastra e, em breve, nos ofusca o espírito.

NO entanto, podia evitar-se êste espectáculo triste, com relativa facilidade e indiscutível vantagem. Bastaria aproveitar os fatais tapumes para uma publicidade inteligente e de bom gôsto.

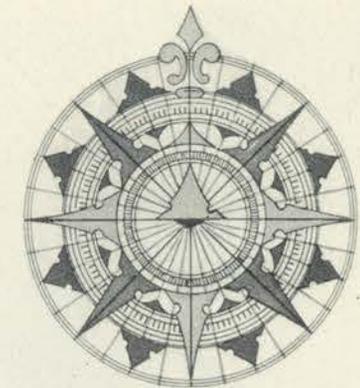
Reproduzimos aqui dois exemplos dêsse aproveitamento. Um — de Fred Kradolfer — à base de cartazes pintados; outro — de José Rocha — de painéis construidos, em relêvo. Dois processos diversos e igualmente felizes.

Quem possua imaginação para realizar, acertadamente, idênticas decorações — ninguém ousará dizer que falta, entre nós. O que falta são homens de iniciativa, dispostos a tirar partido do «acidente», com vantagem indiscutível — repetimos — tanto para os seus interêsses particulares, como para os de tôda a população, acabando com esta coisa inùtilmente desagradável, que é a nudez e a sujidade dos tapumes.

Começar-se-ia pelos que se ergem nas ruas mais centrais das cidades. Depois, os outros, em bairros distantes. Cartazes e painéis feitos de harmonia com as proporções das tábuas, atendendo à perspectiva do local . . . Enfim, isso é lá com os especialistas, que não faltam.

Surjam, agora, os homens de iniciativa fazendo as encomendas. Por nós desinteressadamente, estamos certos disto: — de que não teriam de se arrepender.

Casos e Coisas de Turismo

DA TOPONOMIA DO MAR E DA SUA JUSTEZA E BELEZA NAS POVOAÇÕES DO LITORAL PORTUGUÊS

EM Lisboa — e mais é Lisboa, empório do Império, terra que nisso, como principal de Portugal, devia dar exemplos — raro se bispam nomes de marinheiros famosos e de coisas marinhas, a apelidar seus caminhos.

Tirante os de meia dúzia de nautas maiores e de capitãis das Índias que (vamos lá!) ainda baptisam algumas ruas e praças, por sinal em bairros excêntricos, são muito escassas, com efeito, na toponimia lisboeta, as designações que recordem ou atestem haver sido e ser Lisboa pôrto primeiro e capital dum país de mareantes.

Ainda há, sabido é, por zonas da cidade que foram e são de residência tradicional de trabalhadores dos cais e do rio, pescadores e gentes do Alto, certos letreiros castiços, de sabor salgado como os de Ruas dos Navegantes, das Gáveas, do Norte, da Atalaia; Travessas da Galé e Galeotas; Arco das Portas do Mar; Bêco da Índia e quejandos títulos. Mas todos êles somados, entre quinhentos ou mais de avenidas e largos, vias e vielas do burgo-mor, não dão punhado que preste. E Lisboa bem poderia e deveria ter escrito e inscrito nas suas esquinas, passo a passo, a denominá-las, os substantivos próprios dos mais excelsos varões e feitos que figuram nos Lusíadas, na História Trágico-Marítima, nos relatórios das capitanias de Além-Mar, e até os comuns — evocativos e encantadores — de quanto ao mar e à marinharia diz respeito! Esmoreceriam, desta forma — concedo — quantos outros de conselheiros e doutores, de casos menores e de qualificativos comezinhos, nelas se exaltam e ilustram, mas, em tributo maior, se impunham, à memória constante e ao constante orgulho e enlêvo da grei, homens e factos de antanho que mais a sublimaram, e do presente, e de sempre, tudo aquilo que à sua vida de aventuras anda ligado.

Pois se em Lisboa — e mais é Lisboa — assim acontece, que dizer hei de outros povoados mais pequenos e frouxos, e sobretudo (pois a isso venho) daqueles do litoral português, que são tributários do Mar e de fainas sôbre suas ondas. Também por êles não é vulgar a nomenclatura com travo de água salgada, a apontar suas quelhas e esplanadas. E, no entanto, que lógico e lindo seria se tal se desse, e houvesse nessas burgadas piscatórias ou balneares do país, homens de influência ou comando que se inclinassem a tal.

No vocabulário pitoresco da gente da costa portuguesa, como na terminologia das artes da pesca e da navegação do largo, têrmos há, de que se não entende o apartamento na toponimia de certas localidades marinhas.

Já não quero que se encontrassem, por elas, sítios chamados, por exemplo *da Marezia, da Caldeirada, da Bujarrona, da Corda de Sete Braças* ou *do Congro* ou *do Baleote*. Isso não! Mas via — isso via — como ficavam bem pelas ruelas ou larguinhos das vilas de homem do mar, nomes deliciosos como estes: *Rua do Lesnordeste* ou *do Mastro Real; Bêco dos Búzios* ou *das Sereias; Praça da Terra Nova, Terreiro dos Lôbos do Mar* e outros assim.

Depois (e a sugestão m'a dá — o seu a seu dono — senhor arquitecto Perfeito de Magalhãis, numa recente exposição de relógios de sol) como estaria certíssimo que, em terrinhas dessas e outras, fôsse traçada sempre em seu local mais cêntrico, ensancha de cais ou pracinha arejada, se não «a flor dos trinta e dois rumos» completa, ao menos «a cruz dos quatro pontos cardiais».

Há por êsse Portugal, abaixo e acima, oficiantes duma arte de bem combinar pedras, muito arábica e, por descendência, também muito nossa, que se denomina: *calcetaria*. Temos calceteiros habilíssimos, capazes de reproduzir com pedrinhas pretas e brancas um desenho qualquer, por mais difícil que seja. Bonda que lhe dêem a traça, e tudo plantam num pavimento. Pois não custaria mundos e fundos, me parece, antes miuda pitada de escudos da bôlsa de pobre regedoria, município, Casa de Pescadores, Comissão de Turismo e, até, de associação de recreio ou benemérito local, a encomenda a um artista do plano da obra e a sua execução por sete calceteiros.

Mais ou menos arabeseada ou estilisada, a talante do rabiscante, e sem ou com intervenção de pedra de outras côres (vermelhas, ou verdes, ou gualdas, se a pretenderem mais florida) «a rosa da agulha» assim estampada à vista de todos, tinha nas povoações marinhas — e outras — uma dupla função elucidativa e ilustrativa.

Como devia estar, naturalíssimamente — pois de contrário seria disparate de tômo — orientada com acêrto, apontava nessas terras o norte, a quem saber o quisesse ou o trouvesse perdido. E coisa era essa, já de si muito importante, embora tal não pareça.

Outrossim, era grinalda colorida ou iluminura de vulto em povoações onde, em regra geral, por desfavores do vento e do ar iodado, há cresta, secura e tristura de valores decorativos. Passaria êsse ornato, quando raro ou quando original, a ser motivo de reparo ou de mostra propositada — atractivo, portanto. E se metermos turismo em baila, no que turismo, palavra de grande amplidão, tem de restricto a pequenos passeios, excursionatas districtais, jornadas fora de casa a dar um giro por aqui e por além, teriam até êsses debuxos da «flos ventorum» interêsse e valor turístico. Falava-se dêles. Iam-se ver de longada. Constituiam chamaris.

Depois (volto à minha) que pretextos para uma toponimia sugestiva e seductora! Ora vejam lá denominações como estas, dadas aos lugares onde ela no empedrado fulgurante: *Praça da Rosa dos Ventos* ou *da Estrêla do Norte; Largo da Bússula* ou *da Agulha de Marear; Terreiro do Rumo* ou *do Astrolábio*, ou coisas parecidas.

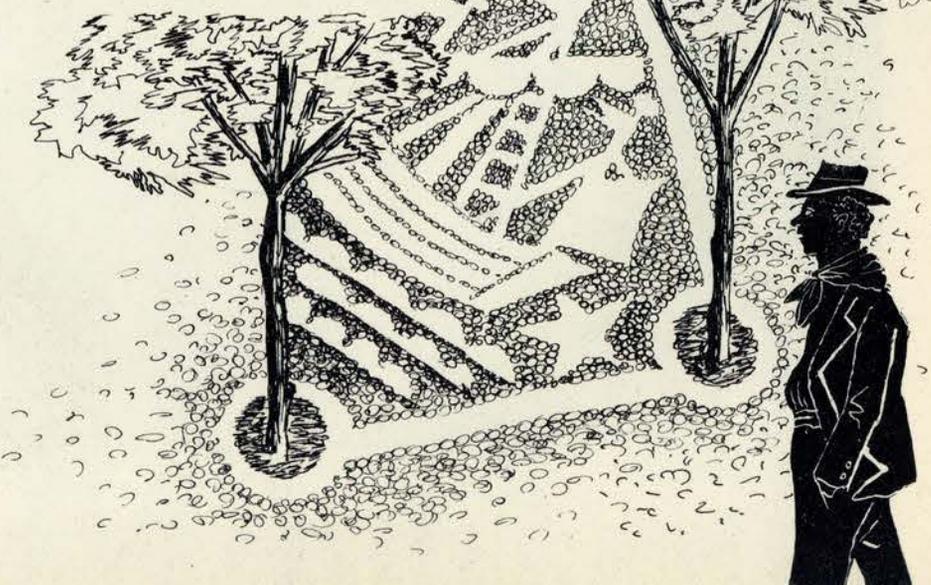
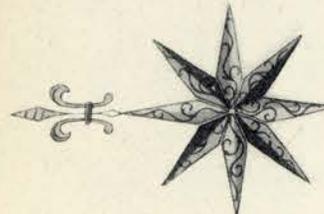
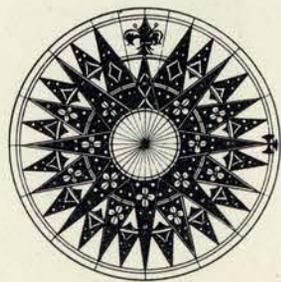
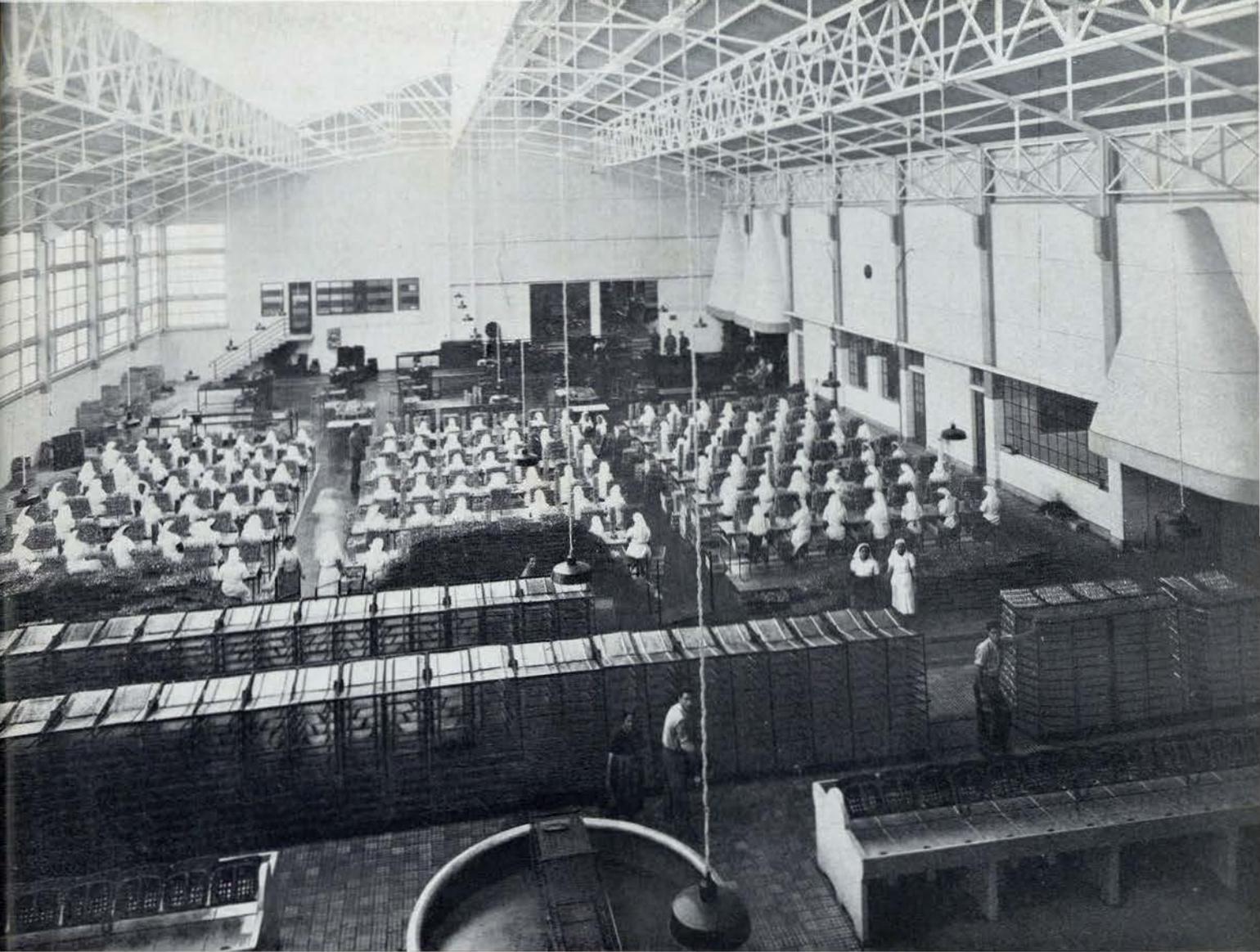
Se mais quisessem e pudessem, êsses povos ainda tinham para pôr, noutros paradoiros ou miradoiros, relógios característicos de sol — uma laje, um ponteiro, um quadrante, uma peanha *(Largo do Relógio de Sol)*; outros desenhos estampados no chão ou trazidos a muro — como nas capelinhas do Buçaco — em mais fino empedrado, com alegorias de casos e coisas memoráveis do Mar — *Rua da Nau Catrineta*, por exemplo... Onde a primeira em terras de Portugal?!...

Se não caírem dentro de saco rôto estes dizeres, muito folgarei em saber qual o povoado piscatório, praia de banhos maior ou menor, aldeia perdida na costa, entre cardais ou pinhais, que tome esta deixa e a dianteira. Porque lhe quero dar um prémio: um segrêdo, complemento destas insinuações de agora, para ser — porque será, se depois o levar a cabo, com dispêndio também de três patacos — uma das terras mais visitadas de Portugal.

Mas tal comunicação fica, naturalmente, apenas para quando houver uma cidade, vila ou casal marinho, que tenha uma *Praça da Rosa dos Ventos* ou uma *Rua da Nau Catrineta* ou coisa que tal valha.

Onde a primeira?
Qual a primeira?

AUGUSTO PINTO

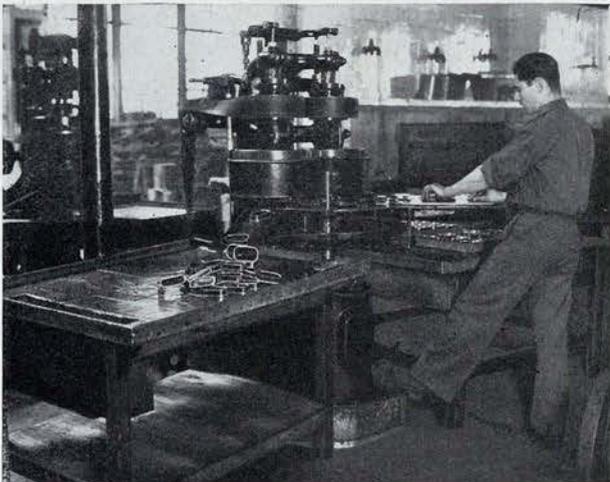
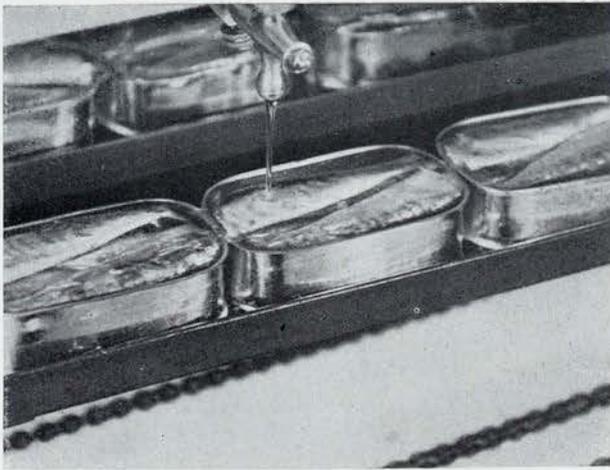
Desenhos de Bernardo Marques

O SABOR DELICIOSO E AS VIRTUDES NUTRITIVAS DAS SARDINHAS DE CONSERVA PORTUGUESAS DEVEM-SE, EM GRANDE PARTE, À QUALIDADE DOS CONDIMENTOS E AOS PROCESSOS TÉCNICOS DA SUA PREPARAÇÃO. — POR TUDO ISTO, A INDÚSTRIA CONSERVEIRA CONQUISTOU O MERCADO DE TODO O MUNDO, CONSTITUINDO PRECIOSA FONTE DE RIQUEZA DA ECONOMIA NACIONAL

A Indústria Conserveira

E A ECONOMIA DO POST-GUERRA

PARA solucionar o difícil e terrível desequilíbrio que se segue como um assombroso pesadêlo, aos grandes movimentos excepcionais da humanidade, é preciso fazer uma chamada instante a todos os sectores capazes de concorrer para o restabelecimento do «statu-quo» natural.

Fàcilmente se compreende o largo raio de acção a atribuir às actividades industriais, pela dura necessidade de manter as condições de vida de cada povo, isto é — e empregando têrmos mais próprios, embora menos suaves — de impedir a morte pela fome ou, simplesmente, a depressão orgânica motivada pela carência de alimentos.

Destruída grande parte do celeiro imenso em que a humanidade deposita o produto do seu trabalho insano, esmagado pelos tanks tôda a bela sinfonia da agricultura em gestação, revolvida a terra, já não pela enxada do cavador, mas pelas granadas dilacerantes que monstruosos canhões vomitam estrondosamente numa horrenda trovoada de destruïção global, transformada assim a superfície planetária numa árida pista de corridas em que os mais variados carros de guerra, trucidando-se uns aos outros, tentam alcançar a meta assinalada por uma oliveira solitária — derradeira representante dos seus direitos na natureza em paz — retirada por uma porção de tempo a possibilidade de se ir buscar ao seio da

A preparação e acondicionamento da sardinha de conserva obedecem a rigorosos cuidados técnicos e de higiene.

terra os produtos precisos, urge procurar-lhes substituto noutros meios, para amenizar um pouco as agruras que causa esta maneira incoerente de resolver os desentendimentos da humanidade.

Dêste modo, surge num primeiro plano a indústria de conservas e entre as várias espécies de peixe, tem que salientar-se a sardinha. Na realidade e por mais estranho que pareça falar das raras condições alimentares e nutritivas dum peixe tido, até há pouco tempo e desde velhas épocas, como exclusivo das classes mais modestas, a sardinha dispõe das seguintes vitaminas:

A e B	crescimento
D	anti-raquítica
E	de reprodução
P	anti-pelagrosa
C	anti-escorbútica (quando nas conservas entra, especialmente, môlho de tomate).

É curioso que, conquanto houvesse já quem intentasse demonstrar que a sardinha perdia estas vitaminas quando preparada para alimentação, essa demonstração caíu pela base no respeitante às conservas. A sardinha enlatada pelos modernos processos em uso no nosso país, mantém essas raras propriedades, o mesmo já não sucedendo, porém, quando cozinhada.

Mas ainda há a destacar os princípios nutritivos dêste conhecido peixe — que se podem avaliar melhor pelo seguinte quadro comparativo:

	Calorias em cem gramas	
Roast-beef	347	
Pão de trigo	259	*Conservas de Sardinha portuguesa: 372 calorias*
Corned-beef	209	
Ovos	148	
Leite	67	
Laranjas	51	

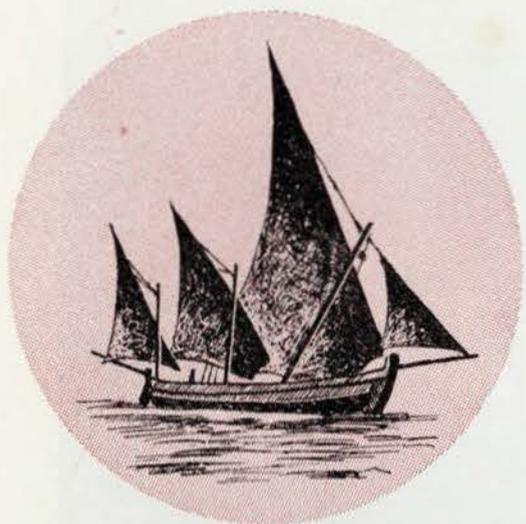
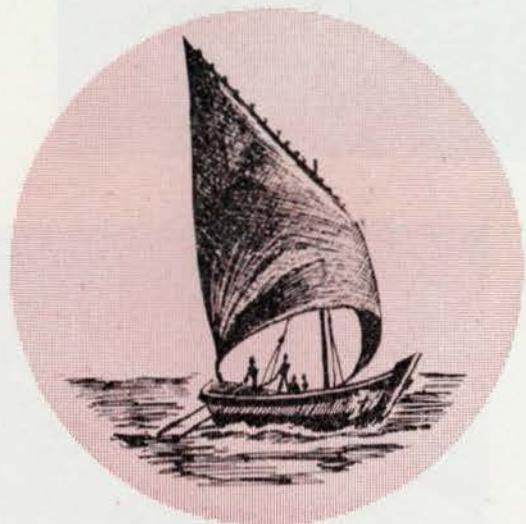
Descriminando o conteúdo de uma fatia de vitela e uma lata de sardinha, com o mesmo pêso, comparemos:

	Vitela	Sardinha
Calorias	298,25 grs.	711,10 grs.
Água	112,72 »	71,07 »
Gorduras	17,89 »	61,44 »
Albuminas	27,03 »	29,22 »
Sais minerais	1,35 »	7,25 »

Por estudos a que, cientìficamente, se procedeu notou-se a existência na sardinha dos seguintes elementos indispensáveis à fisiologia nutritiva: carbono, hidrogénio, oxigénio, azoto, fósforo, enxôfre, cloro, silício, sódio, potássio, cálcio, magnésio, ferro, manganês, zinco, cobre, fluor, boro, bromo, arsénico e iodo.

Em face destas verificações, fácil é de concluir que a conserva de sardinha tem um importante papel a desempenhar na economia do post-guerra, tendo, principalmente, em linha de conta a total reforma alimentar que já se avista para perto, como conclusão da preferência a

(Continua na pág. IV)

ALGUNS BARCOS DE PESCA PORTUGUESES

BARCAS DA NAZARÉ E PENICHE ☙ A RASCA

O CALÃO DO ALGARVE ☙ LANCHA DO ALTO (POVEIRO)

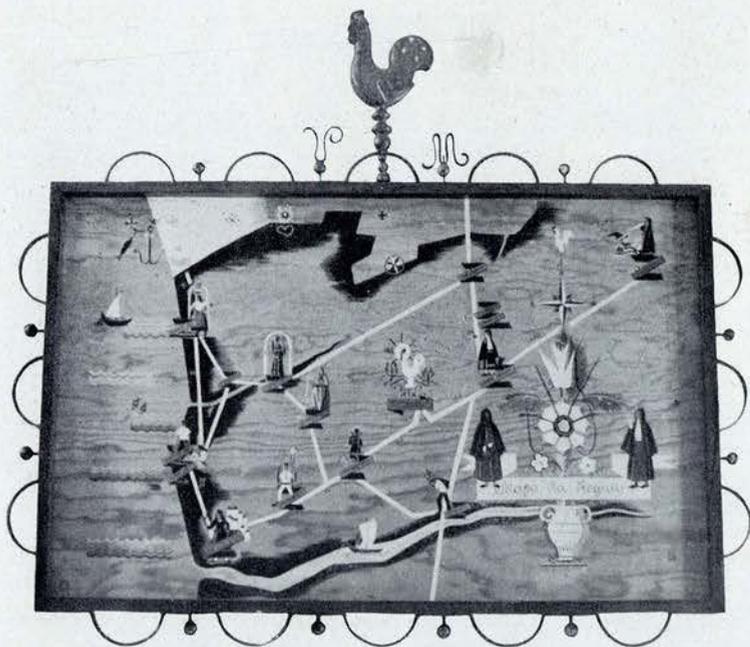
ENVIADA DO SEIXAL ☙ MULETA DE PESCA DE LISBOA

FOTO HORÁCIO NOVAES

Sintra é assim! Em qualquer estação do ano, de qualquer ponto de onde se contemple — um deslumbramento! A exuberância e variedade da vegetação, o encanto dos monumentos, a luz, a calma, o colorido e a atmosfera romântica, fazem da Serra de Sintra um dos sítios mais aprazíveis e fotogénicos do mundo.

FOTO MÁRIO NOVAES

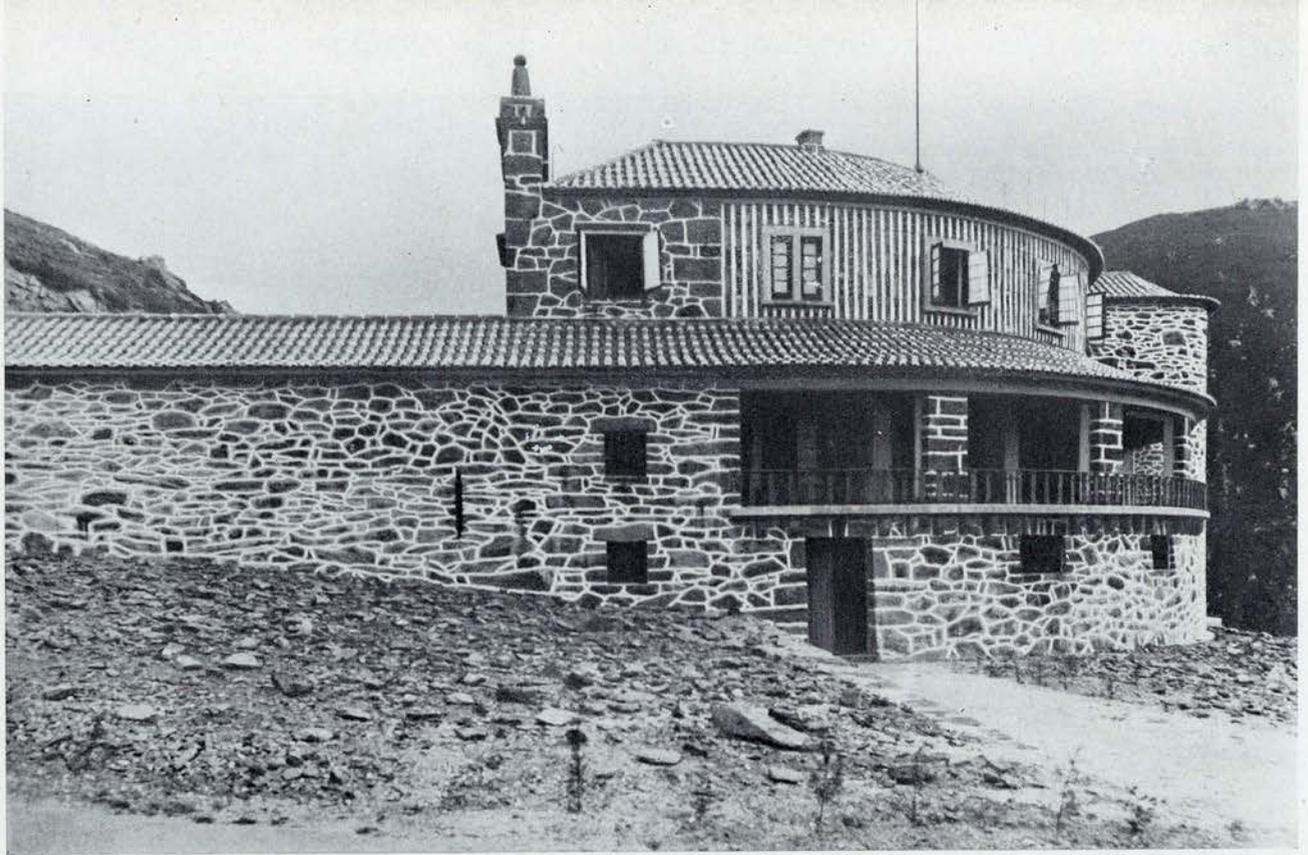
FOTOS ANTÓNIO PASSAPORTE

OS GRANDES VALORES TURÍSTICOS NACIONAIS

Os artistas decoradores das «Pousadas» do S. P. N. inspiram-se sempre — tanto para os desenhos do mobiliário, como dos painéis e outros pormenores de ornamentação — no estilo tradicional das regiões

MAIS uma pousada; mais um modêlo de bom gôsto mais um bom exemplo a seguir pela nossa indústria hoteleira.

E, principalmente, mais uma demonstração de que os arquitectos e decoradores encarregados de realizar quaisquer instalações hoteleiras, devem inspirar-se no estilo próprio do lugar, aproveitar-lhe as características e as linhas tradicionais, que melhor se harmonizem com o ambiente e a paìsagem; devem ir buscar ao mobiliário, aos tecidos, aos produtos da região, os elementos e os motivos que melhor se casem com a obra a executar; e não, como muitas vezes acontece, escolherem uns móveis de catálogo, com um estilo qualquer e construírem uns imóveis que ficariam mal em qualquer parte.

Com raras excepções, o mal dos nossos hotéis de que — a bem do turismo — devemos corrigir-nos, é serem todos iguais, como que feitos em série, de norte a sul. Vendo um, podemos apreciar o mobiliário e as instalações de todos; consultamos a ementa dêste ou daquele e ficamos sabendo o que se come em todos êles.

POUSADA DE S. GONÇALO, NO MARÃO

A Pousada de São Gonçalo domina um dos trechos mais imponentes e característicos da maravilhosa Serra do Marão

Como se neste país, tão rico de aspectos, de panoramas, de paìsagens, de belezas naturais, não abundassem também, numa tão grande riqueza e variedade, os estilos, os costumes, os mais típicos motivos de arte popular, as especialidades regionais, os mais variados produtos, as características próprias de região para região.

Imperdoável, portanto, esquecer tudo isso e reincidir em obras incaracterísticas e sem gôsto, alheias ao lugar a que se destinam e que tão mal ficam no coração de uma cidade, como à beira-mar ou na montanha.

Imperdoável, porque é possível realizar, só com motivos portugueses, com produtos portugueses e com tudo quanto é nosso, o conjunto cheio de graça e de beleza que as nossas gravuras apresentam.

Nestas realizações nunca deve ser indiferente e lugar e o cenário em que vão erguer-se.

A pousada de S. Gonçalo, para se enquadrar bem na grandeza e na majestade do Marão, requeria exteriormente aquelas linhas duras, os blocos de granito, a nudez da pedra rija, o ar amuralhado das suas paredes para enfrentar o oceano agitado e alteroso de montanhas que se ergue em sua volta, a perder de vista.

Um quarto de dormir e um pormenor da escada da Pousada de S. Gonçalo

Em pleno inverno, quem atravessa a Serra do Marão, tem esta lareira confortável, para descançar e aquecer-se

A larga varanda que acompanha a curva da estrada domina um profundo vale, e um dos mais grandiosos panoramas do Marão, onde a vista se perde, maravilhada.

A completar a bela obra do arquitecto portuense Rogério de Azevedo, cuidaram primorosamente os interiores desta pousada o artista decorador José Luiz Brandão de Carvalho e o industrial-artista Manuel de Sousa Braga.

Da competência técnica e profissional e do bom gôsto dêstes artistas resultou um novo modêlo, um novo argumento, valioso e concludente, de como se pode e deve fazer turismo em Portugal.

FOTOS DE JOAQUIM T. PINTO

AUGUSTO CUNHA

TURISMO
BOLETIM MENSAL DE
EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

TEMOS recebido algumas reclamações de *bairristas* e de entidades a quem directamente interessa a propaganda turística regional, lamentando que certos aspectos paisagísticos — especialmente de estâncias termais e da beira-mar — publicados por nós, fôssem fixados, fotogràficamente, há anos, dando, portanto, aos leitores uma idéia errada do seu actual estado, isto é: privando-o de apreciar os progressos realizados.

Têm razão. Mas nós também devemos ter... Por isto: No primeiro número de **PANORAMA,** e neste mesmo local, apelámos para as **COMISSÕES MUNICIPAIS** e **JUNTAS DE TURISMO,** solicitando a sua colaboração, com o envio freqüente de elementos informativos. Por tal se entendia, além de indicações práticas, notícias de melhoramentos, iniciativas e projectos, o envio de boas provas fotográficas de paisagens, monumentos, costumes, etc.

No nosso número anterior, no breve artigo de introdução, afirmámos que «há um arquivo fotográfico a fazer e a renovar permanentemente», porque também as paisagens, com o rodar do tempo, mudam de fisionomia.

PANORAMA, pela sua própria índole, é uma publicação *à base de gravura.* A época — todos o sabem — não é propícia a grandes vôos, no plano da economia. E aqui, por grande vôo, entende-se o que desejaríamos fazer e estaria certo que fizéssemos, em tempos normais: contratar um ou dois bons fotógrafos profissionais para percorrer o país, fixando aspectos inéditos ou renovados da nossa variada paisagem rural, marítima e urbana, e, até, os pormenores mais interessantes dos melhoramentos efectuados nos últimos anos.

Não sendo isto possível, somos forçados, sem renunciar ao nosso critério — também afirmado na introdução do número anterior — de preferir, através de tudo, a qualidade à quantidade, somos forçados a publicar a documentação fotográfica *possível* que se encontra ao nosso alcance.

Existe melhor? Há quem possua clichés actualizados de todos êsses elementos que é nosso dever e nosso desejo valorizar e vulgarizar? Óptimo! Os *bairristas* e as entidades a quem compete activar o incremento do turismo nacional, que nos indiquem onde podemos adquiri-los ou — melhor ainda — que nos enviem as respectivas provas, as quais (se tiverem interêsse documental, técnico e artístico) serão publicadas, na primeira oportunidade, com vantagem para todos.

O QUE TEMOS EM SETÚBAL DE MAIOR INTERÊSSE

HISTÓRICO	MONUMENTAL	RELIGIOSO	
Restos de povoação, na Ajuda.	Palácio da Comenda, na Ajuda.	Igreja de Jesus (século XV), arquitecto Boytac, — o mesmo dos Jerónimos em Lisboa — é a mais antiga e artística da cidade. (Está no Largo Miguel Bombarda). Digno de se admirar, o cláustro.	Capela do Senhor do Bonfim — Azulejos e talha.
Reprêsa romana, na Ajuda.	Pelourinho (de estilo coríntio), na Praça de Pombal.	Cruzeiro de Jesus, em frente da igreja.	Convento de Brancanes (igreja do século XVII), incendiado em 1910 e reconstruído posteriormente.
Pórtico da Antiga Gafaria, na Avenida Portela.	Chafariz (século XVII) perto dos Paços do Concelho.	Igreja da Graça, ou de Santa Maria (século XVI) na Praça do Exército, antigo Largo de Santa Maria.	Ruínas do Convento dos Capuchos (século XIV), num desvio da estrada para Azeitão.
Castro de São Luiz.	Chafariz da Fonte Nova.	Igreja de São Julião (século XVI), na esquina da Rua Serpa Pinto e Praça Bocage.	Quinta de S. Paulo — Capela com azulejos, mata e laranjais.
Escadaria da Misericórdia, de acesso ao pátio superior.	Estátua do poeta Bocage.	Igreja de São João (século XVI). Belo pórtico manuelino.	**GEOLÓGICO**
Paço do Duque, na Avenida Todi.	Glorieta de Luíza Todi (cantora do século XVIII).	Igreja da Boa Hora, do antigo Convento dos Grilos.	«Pedra furada» — fenómeno geológico, na estrada da Graça, à beira Sado.
Casa onde nasceu Bocage, na Rua Bartissol.	Monumento aos mortos da Grande Guerra, na Praça Almirante Reis.		
Castelo de São Filipe (século XVI) — arquitecto Filipe Terzi. Foi prisão do Estado no tempo de D. José I. (A 1 quil. para poente).	Paços do concelho (onde está instalado o Museu Municipal, em três salas com valiosas colecções) na Praça Bocage.		

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

É UM ENCANTO VISITAR, NO OUTONO, O DISTRITO DE SETÚBAL

ARRÁBIDA

Serra da Arrábida.

Alto do Formosinho (marco geodésico a 499 m. de altitude), panorama formidável.

Convento dos Capuchos (séc. XVI), a 289 m. de altitude.

Mata de São Paulo.

Mata do Solitário.

Alportuche, praia.

Portinho da Arrábida, praia.

Lapas de Santa Margarida, da Greta e do Médico.

Ermida do Bom Jesus (séc. XVII), cúpula de azulejos e figuras de mármore no adro.

Pousada do Portinho da Arrábida:
Diária: 30$00

(Instalada numa antiga fortaleza)

CABO ESPICHEL

Igreja e Santuário de Nossa Senhora do Cabo, ou Santa Maria da Pedra de Mua (século XVII).

Farol, construído em 1790 (160 m. de altitude).

AZEITÃO

Igreja de S. Lourenço (século XIV), azulejos, telas de valor, etc.

Palácio da Bacalhôa (século XV), lindos azulejos.

Igreja da Misericórdia (século XVII), com uma imagem do Senhor dos Passos, excelente escultura espanhola.

Pelourinho.

Fonte dos Pasmados.

Palácio dos Duques de Aveiro (século XV), no antigo Rossio. É hoje sede da Casa do Povo.

Castelo de Cóina.

Excursão a: Calhariz, onde existe o Palácio da Casa Palmela (século XVII).

Alto da Madalena, a 1 quil. — Panorama admirável.

Visita a: Adega dos vinhos «moscatéis» de Setúbal, vasta e de instalações modelares.

Casa de Chá: (a 100 metros, junto à Quinta das Tôrres).

Almôço: 20$00 — Jantar: 25$00

Especialidade regional: «Bolos do Cego», «SS» e «Amores», queijos e vinho moscatel.

PALMELA

Castelo, em ruínas (238 m. alt.), onde existiu um convento que foi sede da Ordem Militar de Santiago da Espada.

Igreja de Santiago (onde está o túmulo de D. Jorge de Lencastre).

Pelourinho (do século XVII).

Grutas pré-históricas, na Quinta do Anjo — Serra de S. Luiz.

Ermida de Nossa Senhora do Livramento.

OUTÃO

Tôrre (do século XIV), onde há um farol.

Capela de S. Tiago, com belos azulejos.

Sanatório marítimo (para tuberculose óssea).

Praia de Maria Esguelha.

Chã do Zambujal (sobranceira a Outão).

SESIMBRA

Castelo, sôbre um morro de rocha eruptiva «techenite», — que apenas se encontra na Europa, no Cáucaso e na Silésia — construído inicialmente pelos mouros (a 339 m. alt.).

Pelourinho (fragmentos da Câmara Municipal).

Igreja da Misericórdia — Preciosa tábua dos primitivos portugueses: o Senhor Jesus das Chagas.

Igreja de Nossa Senhora do Castelo (século XII) — Azulejos preciosos e uma escultura da Padroeira do século XIII.

Igreja Matriz (século XVI) — Colunas douradas, talhas, arcos manuelinos, imagens curiosas, etc.

VISITE A POUSADA DO PORTINHO DA ARRÁBIDA E A CASA DE CHÁ EM AZEITÃO — JUNTO À QUINTA DAS TÔRRES!

SE FÔR A SETÚBAL, NÃO SE PERDERÁ — NEM SE ARREPENDERÁ

EXCURSÕES

Albarquel (praia onde existe um velho forte).
Quinta da Comenda, domina o mar.
Outão.
Arrábida.
Praia de Tróia (em frente à cidade), onde há vestígios de ruínas romanas de *Cetobriga.*
Palmela.
Azeitão.
Sesimbra.
Cabo Espichel.
Instalações da fábrica *Sapec.*
Circuito na estrada da Graça.

TRANSPORTES

Entre Lisboa e Setúbal.

Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Estação do Terreiro do Paço.

Emprêsa de camionetes:

Transportadora Setubalense

e

A Palmelense.

Partida de Cacilhas

REFEIÇÕES E ALOJAMENTOS

Restaurante Bocage

Travessa do Paço, 1 a 5.

Restaurante Clube Naval

Avenida Luíza Todi, 300.

Telef. Setúbal 356.

Pensão Esperança

Avenida Luíza Todi, 302.

Telef. Setúbal 555.

ESPECIALIDADES REGIONAIS

Casca de laranja dôce.

Dôce de laranja.

Queijadas de laranja.

Caldeirada à fragateira.

Mariscos, salmonetes, linguados.

Vinho moscatel.

FIM DE SEMANA encantador, aconselhável no Outono. – Partindo de Lisboa no sábado de manhã, haverá tempo suficiente (dormindo em SETÚBAL), para apreciar lindíssimos trechos marítimos (do OUTÃO, da ARRÁBIDA e de SESIMBRA), o maravilhoso panorama do Castelo de PALMELA, palácios, quintas, monumentos e, no percurso, os mais pitorescos aspectos da risonha païsagem estremenha.

DESPORTO AGRADÁVEL — CAÇA — DESPORTO RECOMENDÁVEL

ESPÉCIES	REGIÕES	ÉPOCA
CAÇA INDÍGENA:		De 15 de Setembro a 15 de Janeiro.
* Perdiz (a mais abundante) *(a)*...	* Em todo o país se pode caçar, sendo o principal centro venatório o Alentejo, devido à menor densidade populacional e por ser onde a caça encontra maior número de facilidades e abundância de alimentação ...	(As comissões venatórias regionais, em determinadas condições, têm competência para antecipar, de 30 dias, o fecho da caça).
Sisão.		
Abetarda.		
* Lébre ⊙ / * Coelho.. } Vão rareando devido às arroteias e ao desbaste da caça.........	Na lezíria pratica-se a caça a corricão, à lebre; e em propriedades particulares da lezíria e do Alentejo a corricão e a cavalo	
(E tôda a espécie de caça que se cria em Portugal, exceptuando o pato aden).		
CAÇA DE ARRIBAÇÃO:		
(1) Rôla	Em terrenos de lezíria, pântanos ou albufeiras..................................	De 15 de Agôsto a 15 de Março.
	No Alentejo, mas só «de espera», bem como qualquer outra espécie de arribação	Desde 15 de Julho.
(1) Codorniz	⊙ Em terreno de lezíria onde se caçam codornizes, não é permitido matar lebres a tiro. Só podem ser caçadas a corricão	
Galinhola	Em terrenos húmidos e sombrios, como os pinhais, por exemplo............	Até 15 de Fevereiro, com ou sem cão; depois, até 15 de Março, sempre sem cão.
Algrivão		
Abecoínha.		
Tarambola.		
(3) Pombo trocaz	No Alentejo	Fim de Outubro até Março.
Narceja	Em terrenos húmidos ou onde há arrozais e na lezíria do Tejo, quando inundada.	
(2) Pato .... } Aves ribeirinhas .... }	Nas margens dos rios Tejo e Sado, e até à região de Coimbra. Daí para cima rareia.	

(a) Em 1942: em tôda a área do concelho de Ovar é proibido caçar perdiz durante o período venatório.
No concelho de Vila Nova de Gaia foi retardada a abertura da caça à perdiz para 1 de Outubro.

CURIOSIDADES

REGIÕES	CAÇA GROSSA:
No distrito de Bragança e norte da Beira, em terreno livre ou nas reservas do Estado e particulares.	Javali. Lôbo. Raposa.
Em algumas propriedades do Alentejo	Lince. Texugo.

AVES NOCIVAS À CAÇA:

Águia.
Abutre.
Milhafre, de tôda a espécie.
Corvo.
Pêga.
Peneireiro.

(1) Chegam na primavera e retiram no começo do Outono. — N. B.—Já ficam algumas durante o inverno como autoctones.
(2) Variadíssimas espécies, entre as quais o pato-ganso, o grou, o flamingo e até a aigrette — mais rara.
(3) O «pombo da rocha» (pombo bravo) pequenino azul — de onde derivam tôdas as raças de pombos — habita nas furnas de Portugal, de preferência para o sul, Arrábida, Algarve, etc.

ROTEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

OITAVA JORNADA

Guimarães — cidade que a ironia popular diz ter *ponte* sem ter rio, *Paços* não tendo rei e *Sé* sem bispo — pode ser o ponto de partida para um circuito à região vinícola do Alto-Minho: à zona do País onde mais antiga é a cultura da vinha e que produz os célebres vinhos verdes.

Dominados pela esmagadora impressão evocativa do Castelo que foi berço da nacionalidade, ali sentimos palpitar o coração do Portugal de antanho — e ali encontramos aglomerado o grande centro industrial minhoto.

A par dos venerandos documentos históricos que nos levam a retrogradar oito séculos no passado, a certeza do presente exibe-se nas realidades industriais dos incomparáveis linhos, da rija cutelaria de boa têmpera, das linhas de coser, dos coiros; tudo isto nos prova o esfôrço operoso do alegre povo nortenho, o velho e esforçado pioneiro do Império glorioso.

Nesta zona, vizinha da de Santo Tirso e com ela emparceirando no seu aspecto vinícola, produzem-se vinhos verdes notáveis, dignos de aprêço. São vinhos muito encorpados, untuosos, que barram a malga (é em tigela que deve beber-se) e revelam com delícia a presença do fruto saboroso que lhes deu vida. Para leste, na região de Basto, outros vinhos menos patrícios mas não menos curiosos no ar carrascão que oferecem, são bons companheiros das iguarias fortes que a culinária indígena inventou com os elementos naturais produzidos na região. Dêstes vinhos, dizia o Visconde de Vila Maior, autoridade na matéria: «Se os vinhos verdes de Basto, feitos com tão pouco cuidado, são ainda estimados, que será quando na sua fabricação e manutenção se empregue todo o cuidado que êles merecem?». Hoje já se verifica acentuada melhoria.

Entre a gama dos vinhos verdes formam êles um tipo distinto, muito diferente dos que mais ao norte encontraremos.

Tomando a estrada pitoresca e bem lançada, em direcção a Braga — a velha *Bracara Augusta* — passa-se pelas Caldas das Taipas, ninho de verdura reclinando-se à beira do rio Ave, para, cêrca de quinze quilómetros mais, entrar na cidade episcopal. À direita e à esquerda, nas encostas, nos vales, por todos os lados se lobrigam parreiras e ramadas, ora ensombrando a soleira das portas dos casais ora limitando os lameiros, ora espreitando por sôbre os muros ou trepando às árvores em festões — a videira marca a sua presença acompanhando-nos pelo caminho.

Desta paisagem garrida, ridente e festiva, gargalhada cristalina lançada à dureza fria da vida, entra-se no ambiente severo da cidade de Braga, opulenta, majestosa, forte no seu granito que desafia o tempo, e cujos monumentos trazem ao presente vivo as eras que se foram e ficaram para trás no rodar dos anos.

Não se pode gastar muito tempo, a volta é grande, por isso reserve-se a sua merecida visita pormenorizada para o fim da jornada, pois deve ela ser o términus dêste circuito.

Deixa-se a cidade venerável, emocionado, a-pesar do curto contacto que durante alguns momentos nos reteve com coisas que lembram horas grandes da nossa História — quem pode ficar sereno perante o gibão que D. João I vestia na batalha de Aljubarrota? — e os campos que vão sendo percorridos são olhados depois sob uma luz diferente: há um sentimento indefinido de maior ternura por essa terra em que os nossos Maiores, varões ilustres, nos legaram coisas palpáveis atestando o seu amor por ela, herança preciosa.

Assim se alcança Vila Verde — nome primaveril, que antigamente era de S. Paio, seu padroeiro, e se justifica plenamente pela farta ramaria das árvores que nela se encontram. Nesta terra de nome atraente, de gente amável e poética, ainda se mantém rigorosamente a tradição do ramo de casamento ou palmito: não há noiva que se preze que não leve para a igreja o ramo oferecido pelo noivo — e êste levará, nesse dia solene, a camisa de linho que ela teceu. Até Ponte da Barca, nosso objectivo imediato, a boa estrada vai atravessando ou contornando aldeias alegres, as risonhas povoações minhotas, onde a cêpa é solicitada para adôrno bucólico, refrigério, utilidade... até que, da ponte sôbre o Lima a aristocrática povoação se apresenta emoldurada por densa vegetação que o campanário da matriz, lá do seu alto, domina num grito de fé católica.

O carro veloz que nos conduz, vai cruzando ou ultrapassando as juntas de pequenos bois barrozões, com grandes armações em lira, atrelados a jugos que são uma maravilha do artesanato regional. Normalmente, na sua frente vai a figurinha gentil de uma cachopa vistosa. A vila está recheada de casas fidalgas, senhoriais, de bom porte, e situa-se numa paìsagem de fortes contrastes, ora de suaves refúgios de encanto pastorol, ora de alcantis ásperos e bárbaros. Não é das mais antigas: a sua fundação data dos fins do século XIV. D. Manuel I, na sua viagem a S. Tiago de Compostela, ali pousou nas casas de Maria Lopes — que fôra a fundadora do burgo e viveu 110 anos — por serem as únicas que então tinham sobrado.

Seguindo mais para o norte, apontados a Monção, intenção principal desta jornada, o mesmo encanto nos acompanha, a mesma festa verde nos enleia, esfuziante em que a vinha poderosamente contribui para dar o tom característico da região.

Mais uma boa tirada e eis-nos em Monção onde a prudência aconselha a proceder logo ao farto repasto restaurador. É a melhor e mais recomendável maneira de entrar em contacto com as preciosidades enológicas da região que tão bem se casam, os brancos, com o salmão do rio Minho e as trutas suaves que por ali abundam; os tintos, com a célebre vitela minhota. Monção é uma vila muito antiga. Tem história e lenda — aspecto aprazível. Quando Baco por aquelas passagens andou, fundou Monção e plantou a vinha célebre.

Todavia, antes de cuidarmos dela recordemos a figura da sua grande heroína, justo orgulho dos monsanenses: Deusadeu Martins, mulher que foi de um capitão-mor de D. Fernando e que salvou a praça assediada pelos castelhanos.

Exaustos, os portugueses deveriam entregar-se pela fome... mas Deusadeu Martins fabricou um saboroso pão com o resto da farinha, a última, que possuíam e ofereceu-a aos sitiadores — o cêrco foi levantado. O brasão de Monção regista, ufano, o gesto da sua heroína.

Mas Monção tem um título de glória que a todos sobreleva: foi das suas adegas que saíram os primeiros vinhos portugueses para o estrangeiro. Isto remonta ao século XV e no século XVII teve o seu explendor. Esta exportação fazia-se pela barra de Viana do Castelo e era dirigida para os mercados ingleses.

A êste comércio deve-se, mesmo, o que mais tarde se iniciou e ainda se mantém com o vinho do Pôrto.

Das feitorias que então se estabeleceram, ainda restam vestígios da que funcionou em Monção.

O vinho alvarinho, branco, fresco, pouco alcoólico, leve, amável ao paladar e estimuantle, é oriundo de uma casta de uvas trazidas da Grécia em tempos remotos.

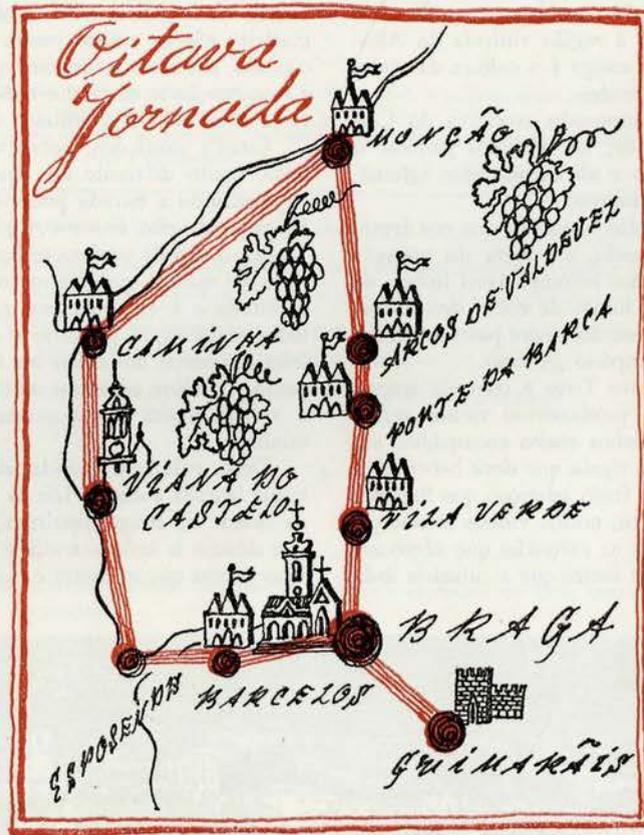
É vinho que melhora com o tempo, que adquire sabor e paladar finíssimos no envelhecimento natural e cuidado.

Não aconselhamos ninguém, evidentemente, a abusar dêle, mas quem o fizer verificará a verdade daquela afirmação de António Augusto de Aguiar: «é um vinho que respeita a inteligência».

Dêste solar venerando do vinho verde, por uma estrada que corre paralela ao rio Minho em direcção ao Atlântico, marginando a zona que ao sul é limitada pelo rio Lima (e onde se produzem êsses vinhos admiráveis de frescura, vivacidade e «agulha», acusando o sabor ao fruto, e portadores de certo corpo tão típico), vamos cortar Valença — fronteira a terras da Galiza e que foi praça forte tão importante como a de Elvas — para entrar em Caminha.

A mesma estrada bem traçada leva-nos depois a Viana do Castelo — que foi o grande entreposto dos vinhos verdes de exportação — para seguir a Ponte de Lima, centro, também, de óptima produção vinícola.

Entrando novamente em Braga, fechou-se um dos círculos mais belos que o Portugal vinícola nos pode oferecer.

ANTÓNIO BATALHA REIS

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

A Obra das Pousadas

De um editorial publicado no número de 13 de Setembro do semanário *Ordem Nova,* de Vila Real, com o título de *A Obra das Pousadas,* reproduzimos as seguintes afirmações:

«Esta obra das *pousadas de turismo* pode bem dizer-se que guarda em si qualquer coisa de simbólico. É olhar as fotografias que reproduzem a «Pousada de S. Gonçalo»: — Nas alturas da serra, solitária, dominando um largo horizonte, essa *pousada,* de linhas graves, perfeitamente integradas no carácter do local, logo se vê como sendo um sítio de repouso para o viandante que percorre a terra portuguesa animado pela sedução das suas belezas e virtudes. Assim erguidas, aqui e ali, são como pontos cardiais a nortearem as passadas daqueles a quem apraz conhecer e amar ainda mais o solo pátrio.

«Vai por todo o orbe uma onda implacável de fogo e de sangue? Graças a Deus, neste canto privilegiado da Europa, a vida não parou nem morreu.

«Vencendo tudo quanto é possível vencer-se, dentro do quadro de dificuldades impostas pelas circunstâncias, aquilo que se havia planeado e principiado segue o seu rumo possível. As *pousadas,* concebidas em tempo de paz e concluídas dentro dos prazos mais ou menos previstos, não se deixam encerradas e sem funcionamento — o que ocasionaria, sem dúvida, a sua deterioração. Abrem-se, lògicamente; passam a funcionar e são, com certeza, não só uma utilidade evidente para todos aqueles a quem convenha aproveitá-las, mas, também, um motivo certo de fomento para o nosso turismo interno.

«Oxalá ao esfôrço do Govêrno em manter a normalidade da vida portuguesa, saibam corresponder todos aqueles a quem é permitido e a quem cumpre, em qualquer campo, facilitar essa missão nacional».

Concursos Fotográficos

★ Terminou o prazo para a entrega das provas destinadas ao *Concurso Fotográfico das Beiras* — admirável e útil iniciativa do *Diário de Coimbra* — que despertou grande interêsse entre os fotógrafos amadores.

O júri é constituído pelos Drs. Rocha Brito e Francisco Pimentel, e pelo pintor Fausto Gonçalves.

★ A Comissão Municipal de Turismo da cidade de Tomar foi forçada a prorrogar o prazo da entrega das provas fotográficas para a *1.ª Exposição de Arte Fotográfica* — já por nós anunciada — até 30 de Novembro, devendo a referida exposição realizar-se de 20 a 31 de Dezembro.

Nunca é demais sublinhar a importância dêstes certames, aos quais o incremento do turismo nacional pode ficar a dever excelentes elementos de propaganda, utilizáveis em revistas, postais, folhetos e outras publicações ilustradas.

Mais uma vez se declara que PANORAMA põe as suas páginas à disposição dos organizadores e dos concorrentes, para a divulgação dos melhores espécimes seleccionados.

"Conheça a sua Terra"

Às excursões e visitas culturais que o programa radiofónico dos Serviços de Turismo do S. P. N. — *Conheça a sua terra* — vem promovendo, semanalmente, desde Janeiro do ano passado, e que têm ficado registadas em vários números de PANORAMA, acrescentamos as seguintes, realizadas a partir de Junho:

Um *fim de semana em Évora,* guiado pelo escritor Gustavo de Matos Sequeira; passeio ao *Aqueduto das Águas Livres,* com esclarecimentos pelo Eng.º Amilcar de Melo; visita à *Basílica da Estrêla,* com o Padre Costa Lima; ao *Palácio da Ajuda,* com o conservador, Dr. Caiola Zagalo; aos estúdios da *Lisboa-Filme,* com o técnico cinematográfico Francisco Quintela; ao *Seminário de Almada;* à *Quinta de São Vicente,* com os *Amigos de Lisboa* — almôço comemorativo do sexto aniversário do grupo; visita ao *Museu da Cidade,* guiada pela conservadora, Sr.ª D. Julieta Ferrão; novamente ao *Palácio da Ajuda;* passeio a Alcochete, durante a típica festa regional *Barrete Verde;* passeio ao bairro de *Alfama* — em noite de lua cheia — guiado por Gustavo de Matos Sequeira; excursão a *Viseu* e *Espinho,* pelo *Vale-do-Vouga* (tendo recebido os excursionistas em Viseu o Dr. Alberto Alves dos Santos Pacheco); visita à *Estufa Fria,* guiada pelos Srs.: Eng.º Joaquim Cardoso Rodrigo, Elmano Simões Coelho e José dos Reis — jardineiro-chefe da Estufa Fria; à *Exposição Agro-Pecuária,* em Mafra (no dia da inauguração); ao *Estádio Nacional,* guiada pelo arquitecto Alfredo Caldas; passeio no *Parque de Monsanto,* com paragem nos miradouros, acompanhado pelo Eng.º Silvicultor Joaquim Cardoso Rodrigo; visita à *Tôrre de Belém,* guiada pelo Prof. Armando Lucena, e às oficinas gráficas da *Editorial Império, Lda.,* cujo proprietário — Sr. Armando Figueiredo — fez compôr e imprimir *in loco* um pequeno livro que ofereceu aos visitantes, como recordação.

Sinalização Turística

Prosseguindo na obra de vulgarização e aproveitamento dos valores turísticos nacionais, os Serviços de Turismo do S. P. N. encarregaram, recentemente, o artista Paulo Ferreira de proceder ao estudo da sinalização turística da estrada Lisboa-Pôrto.

Êste trabalho, de evidente vantagem para todos os turistas, tanto estrangeiros como nacionais, consiste em marcar, de modo atraente, os pontos do trajecto e os locais mais próximos que merecem ser vistos e apreciados pelos viajantes: — miradouros, castelos, igrejas, cruzeiros, pelourinhos, aldeias pitorescas, etc.

"Panorama" Regista

★ A inauguração oficial da *Pousada de Santo António,* no Serém — Vale-do-Vouga — à qual dedicaremos, no próximo número, algumas páginas.

★ A existência da *Pensão Estrêla do Mar,* na praia de Pedrogão, digna de ser conhecida e recomendada, pelo critério inteligente que norteou a sua construção e o arranjo dos interiores — de mobiliário simples, confortável e gracioso.

★ A publicação de um folheto intitulado *Visitez le Portugal* — edição do S. P. N. — onde os turistas estrangeiros encontram tôdas as indicações e esclarecimentos acêrca de passaportes, alfândega, caminhos de ferro, clima, hotéis, desportos, estâncias balneares e climáticas, termas, festas regionais, arte culta e popular, vinhos e culinária.

★ A notícia de que Augusto Pinto e Emmérico Nunes — autores do folheto *Cartilha da Hospedagem* — estão a preparar, de colaboração, para os Serviços de Turismo do S. P. N., outro pequeno volume intitulado *Cartilha da Casa Feliz,* onde apresentarão curiosos modelos de mobiliário e ornamentação de interiores, bem como do arranjo de jardins e pátios, em obediência a basilares princípios de bom gôsto, higiene, confôrto, simplicidade e carácter nacional.

QUENTIN METSYS

(Continuação da pág. 10)

O espírito da composição, o carácter do desenho, e a semelhança dos modelos, permitem aproximar, todavia, essa obra magnífica, da «Deposição de Cristo» que Friedländer hesitou primeiro em atribuir a Quentin Metsys e confiadamente lhe deu há pouco tempo (7).

As letras S P, inscritas no lacre vermelho que sela o túmulo do Senhor, no painel da «Ressurreição» (Pág. 8) seriam para os que se ocupam levianamente de tão delicados problemas, sem o prévio estudo que êles sempre reclamam, as iniciais indiscutíveis do mais antigo discípulo português de Goosen Van der Weyden.

Das obras de menores dimensões, dentro dêste núcleo pictórico, a mais característica é porventura a imagem da Rainha Santa Isabel pertencente ao Museu de Düsseldorf (Pág. 7). Esta preciosa peça iconográfica, a mais notável de entre as primeiras conhecidas depois do culto da Santa ser autorizado em 1516, nas igrejas e mosteiros da diocese de Coimbra, é evidentemente de um continuador do Mestre Quintino, e tem a respectiva legenda inscrita na parte inferior, em correcto português.

Um «Calvário» existente na Igreja da Misericórdia de Óbidos reflecte na composição, na paisagem e no desenho de certos pormenores, o estilo de Metsys. A técnica relativamente grosseira da pintura, ainda na aparência do século XVI, é contudo posterior à actividade artística do célebre mestre de Antuérpia; o que não exclui a hipótese da tábua ter sido repintada e conservar uma camada sub-jacente de factura muito mais fina.

As beneficiações do tríptico da «Paixão» da Madre de Deus, do painel da Misericórdia de Óbidos, e da tábua do Museu das Janelas Verdes , figurando «A Virgem e o Menino», aguardadas com o mais vivo e justificado interêsse, devem reservar surprêsas que poderão contribuir muito para ampliarmos conhecimentos acêrca da obra e da influência de Quentin Metsys em Portugal.

LUÍS REIS SANTOS

---

(1) Brito Rebêlo copiou na Tôrre do Tombo um valioso documento, datado de 15 de Setembro de 1512 e referente à viagem que o famoso pintor ia fazer nesse ano à Flandres, na qual levava onze quintais de pimenta para o nosso feitor lá.

(2) Ph. Rombouts e Th. van Lérius. *De Liggeren en andere historische archieven der antwerpsche Sint Lucasgilde.* Antwerpen, 1872-76.

(3) Max J. Friedländer. *Eine Zeichnung von Hugo Van der Goes* in *Pantheon.* Março, 1935, pág. 99.

(4) Só depois da limpeza que esta pintura requere, será possível afirmar se a modelação das mãos é inspirada em Albert Bouts ou feita mais tarde, imitando a sua maneira.

(5) Karl Justi. *Die Portugiesische Malerei des 16 ten Jahrhunderts* in *Jahrbuch der K. Preuss. Kunstsammlung. IX.* 1888.

(6) O restauro desta obra, iniciado por Luciano Freire e continuado por Fernando Mardel, foi interrompido por causa do excesso de trabalho que a Oficina de Beneficiação de Pintura Antiga teve com a Exposição de «Os Primitivos Portugueses». Também aguarda tratamento de Mestre Mardel uma tábua que representa «A Virgem e o Menino» e cuja classificação, dentro dêste núcleo, só poderá fazer-se depois do trabalho de beneficiação há tempos começado.

(7) Max J. Friedländer. *Quentin Massys: Reflexions on his devtlopment* in *The Burlington Magazine.* London, February, 1938, p. 53.

VILEGIATURAS

(Continuação da página 13)

Porque, afinal, é mais por ignorância do que por gôsto — descontando um ou outro caso de teimosia snob ou espírito de contradição — não reconhecer que temos tão bom e por vezes melhor em certos aspectos e em nossa casa, do que aquilo que se pagava na terra alheia, sem a necessidade de atravessar fronteiras incómodas. Não custa viver — difícil é saber empregar a vida; também não custa viajar, desde que se saiba escolher o itinerário. Podia encher páginas para demonstrar a falta de lógica ou de base científica com que são freqüentemente escolhidos os locais, épocas ou climas, nas usuais vilegiaturas das famílias portuguesas.

Compreende-se o êxodo do campo em direcção às praias e de estas para as mais movimentadas, por parte dos que, durante o ano viveram sedentàriamente a respirar a terra, na contemplação do mar vegetal, calmo como o frio ou ondulante com o vento, sugerindo a carneirada nos seus variados matizes ou resoando em fragor de tormenta: mas saüdosos do ar forte e do sol rutilante da beira-mar, impregnados de sais e raios indispensáveis ao reequilíbrio dos excessos acumulados.

Na generalidade, porém, sofre-se da trepidação diária na vida das cidades, em que a agitação física ou os reflexos produzidos pela solitária laboração intensa do pensamento requere, para que o repouso seja salutar, uma localidade em que a vida e a paìsagem ofereçam uma mudança de modalidade ou condições opostas àquelas em que a vida ordinàriamente decorre...

O excesso de confôrto será assim benèficamente mitigado por uma temporária frugalidade; a tortura do indumento e das horas algozes será aliviada por uma simplicidade humanamente descuidada.

Haverá por certo quem receie a falta de transportes e de tantas outras coisas que o vício fêz considerar hábitos pessoais e depois se verá que o não são, hoje difíceis de obter naquele grau de confôrto ou luxo, que a moleza dos maus hábitos fêz chamar indispensáveis aos que deixaram entibiar a velha fibra nacional, rija de origem.

Para êsses, que lhes sirva de lenitivo e exemplo esta amostra do viajar de outros tempos — e não muito distantes — tão saborosamente descritos por um grande viajante e calcurriador, esteta, não menos civilizado que muitos dos contemporâneos e por certo mais ilustre que a maior parte dos que hoje se julgam com direito de mercê — Ramalho Ortigão — quando descreve uma viagem às Caldas de S. Pedro do Sul:

«A linha férrea do Norte ainda não passara do Carregado para cima. Quem vinha do Pôrto a Viseu, ou deixava a estrada real de Lisboa em Albergaria e atravessava a Serra das Talhadas, ou costeava, em Oliveira de Azemeis, pouco mais ou menos, pelo Rêgo de Chave. Era êste último caminho o que eu tinha seguido. A estrada era impraticável por outro modo de locomoção que não fôsse o cavalo, e no Rêgo de Chave o carreiro, aberto em tôrno da rocha, cortada a pique sôbre o abismo, era de tal modo áspero e estreito, que a maior parte dos cavaleiros apeava-se.»

... ...

«Dormia-se geralmente nos palheiros sôbre um feixe de côlmo, ou nas mesmas estrebarias, enrolado num

cobrejão, a um canto da manjedoura, ao bafo môrno do cavalo que levantava tranqüilamente a sua ração, ouvindo-se assobiar o vento da Serra pelas fendas do muro.»

Hoje já não se viaja assim... Há, a-pesar da curta distância em anos que nos separa do saüdoso escritor, rêdes de caminhos de ferro e de estradas, aviões, bicicletas... e de novo o macho andarilho e a perna rija, para os que têm a inteligente compreensão do campismo e, sem engeitar os progressos do tempo, em que vivemos, não menosprezam o sabor sádio da natureza. De resto, também esta se vai mudando, para que tudo seja harmonioso. Até neste trajecto descrito pelo Ramalho, quási se pode dizer que a paisagem se tem transformado para se adaptar aos homens modernos, ou foi afeiçoada para novas sensibilidades. A região que o brilhante escritor tão bem descreve — a Serra de Arouca — mantém a imponente e singular beleza, mas sacrificou alguma coisa do que era belo na rudeza, pelo que é bonito no arranjo. O que foi nu e escalvado, cortado apenas por carreiros e caminhos travêssos, que a lenda erudita pretende tenha sido, aqui e além, restos da via romana de Viseu ao Pôrto, começa agora a ser vestido de pinheiros ou toucado de espécies arbóreas raras, educadas e sàbiamente dispostas pelos Serviços Florestais. A queda de água de «Mizarèla» deixará, possìvelmente, de ser pitoresco salto de água, para se transformar em energia útil...

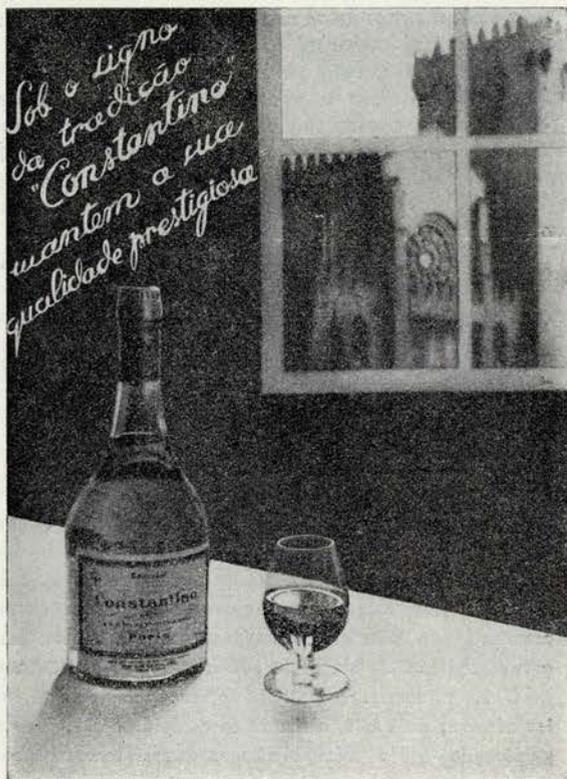
E aqui e além, espalhadas pelos contrafortes ou aninhadas nos altiplanos, surgem aldeias, rasgam-se as entranhas da Serra em grandes explorações mineiras, abrem-se vias de acesso modernas, suspendem-se sôbre os abismos linhas de alta tensão, aparelha-se, enfim, o que era ainda há pouco penedia adusta, para construir, talvez, uma cidade que vai surgindo, como nos contos de fadas, no deserto da montanha.

É a vida a renovar-se em novas vidas, a terra a rejuvenescer por si própria.

Mas é sempre, esta região, aconselhável para vilegiaturas de interêsse e encantamento. Não será, pois, a falta de transportes rápidos, o obstáculo instransponível para que cada um deixe de encontrar o local adequado ao seu estado de alma ou à sua sensibilidade particular, desde que saibam escolher no panorama.

T A.

AS CAPAS ARTISTICAS DE «PANORAMA»

A dificuldade de aquisição dos materiais necessários forçou a administração de PANORAMA a suspender por algum tempo a realização das capas artísticas destinadas a encadernar o 1.º volume da nossa revista ★ Está, no entanto, em estudo um processo de encadernação que resultará não só mais económico, como, também, mais característico e de harmonia com a índole de PANORAMA ★ O 1.º volume será constituído, excepcionalmente, pelos números de 1 a 9, a-fim-de se completar o 1.º ano de publicação ★ No próximo número anunciaremos as condições em que as referidas capas podem ser adquiridas.

A Indústria Conserveira

E A ECONOMIA DO POST-GUERRA

(Continuação da pág. 32)

dar aos alimentos com tôdas as virtudes essenciais à manutenção da saúde. De cada vez mais se nota quanto as qualidades exteriores dos belos pratos que faziam a delícia dos *gourmets* habituados a festejar as comezainas pelo gôsto, a aparência e o cheiro, vão sendo postas de parte, para darem o lugar a uma escôlha racional, baseada no valor intrínseco da alimentação.

Nesta ordem de idéias, não admira que a sardinha genuína, classificada já pelo «Marchandise Marks Act» em 1887 como sendo só aquela a que em Inglaterra chamam «pilchard» e «sardine» na França, comece a ter uma larga expansão entre nós, sabido como é que só havendo dêste peixe nas costas francesa, portuguesa e marroquina, precisamente seja a segunda a melhor de tôdas. A propósito, ocorre contar que, precisando de certas condições climáticas, a sardinha não pode viver fora das regiões de determinada temperatura; por isso quando uma vez um pescador apanhou duas sardinhas nas águas norueguesas, ficou tão abismado a contemplá-las que se quisesse hoje vê-las novamente, teria de ir ao Museu de Bergen onde se encontram aquelas preciosidades, respeitosamente arquivadas.

Mas voltemos a Portugal. A indústria conserveira iniciou os seus primeiros passos entre nós, em Vila Real de Santo António, no ano de 1865. Dez anos após a eclosão da outra guerra, havia perto de 400 fábricas de conservas de peixe, número que depois desceu em conseqüência directa da crise que avassalou o mundo, e indirecta dos métodos arcaicos, nos quais se baseava a indústria, hoje postos de lado e substituídos com indiscutível vantagem, por uma larga obra económica dos poderes constituídos.

Esta actividade — a que se rasga um amplo futuro de compensações — sustenta hoje milhares de pessoas, bastando dizer que só em Portimão e Olhão vivem — em moradias dos bairros operários — centenas de famílias.

A exportação de conservas de peixe dá idéia bastante clara das afirmações optimistas que conscientemente vimos fazendo.

(Portugal exporta, em média, anualmente, cinqüenta milhões de quilos de conservas de peixe).

Terminando esta ligeira vista de olhos sôbre um dos múltiplos aspectos da indústria conserveira nas suas fases económica e política, convém chamar a atenção do leitor para a milagrosa posição de Portugal no meio do actual conflito: trabalhando em paz, para si e para os outros, terá conseguido, sem grande esfôrço, aquilo que os países em luta ambicionam conseguir: a vitória!

E, para acabar, basta dizer, como certo economista francês:

— Produzir e ter que vender, é uma forma de ganhar a guerra.

Capa e Fotolitografias: Lit. de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Gravuras: Bertrand Irmãos e Fotogravura Nacional, Lda.